

FON fon

Cr\$1,00
EM TODO O
BRASIL

Modelo no Supl. 100/101

FUN

QUANDO VOLTARES . . .

*Voltarás! Sei que um dia hás de voltar,
trazendo nos teus lábios um sorriso...
E assim, meu coração há de vibrar,
como um festivo e barulhento guizo!*

*Hás de voltar um dia, pois preciso
de ti, de tua voz, do teu olhar...
Voltarás, pois senão perco o juízo,
por ficar tanto tempo a te esperar...*

*E nesse dia, amor, eu farei,
de tantas cousas, tantas, que eu bem sei,
que de me ouvires ficardes cansada...*

*Mas o contrario pode acontecer:
Pois tenho tanta coisa a te dizer,
que sou capaz de não dizer-te nada!*

LEIZ OCTAVIO

RITO DO AMOR IMORTAL

*— Visão serena, a te sorrir num halo,
Em florente e mirífica alameda —
O alto Amor que os caminhos descende,
Persegue-o, ansioso e lesto, a namorá-lo!*

*Perante o augusto Sol, constante, queda
A alma cativa, o coração vassalo:
Abre em flores o peito, a cada abalo,
Esbrascado na eterna labareda!*

*Vive assim — pio monge, genuflexo,
Prostrado, a estrecitar, num doce amplexo,
As imagens criadas no teu Sonho!*

*Guarda a chama do Amor no seio ardente,
E esse Sol te renasça diariamente,
Num dilúvio esplêndido e risonho!*

OTONIEL BELSKA

CHEFES DO EXERCITO E DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS



POR ocasião de uma recente reunião dos altos chefes militares norte-americanos, em Washington, foi fixado o flagrante acima em que se vê o almirante E. J. King, comandante em chefe da esquadra dos Estados Unidos, palestrando com o general George C. Marshall, chefe do Estado Maior do Exército. Sobre estes dois homens pesam as maiores responsabilidades quanto ao desenvolvimento das operações militares de que participam as forças norte-americanas. (Cliché da Inter-Americana).

ANO XXXVII

NÚMERO 3

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 2
16 de Janeiro
de 1943

FON

Um pouco de bom humor...

A O despontar este ano de 1943, com a sua messe de esperanças, que ao menos nos seja permitido tratar de assuntos pitorescos e alegres. Uf! Basta de lágrimas! Basta de dores, de luto, de miséria e terror! E, por isso, meus senhores, espero que não levem a mal o fato de vir fazer um comentário divertido, com aquele sadio bom humor à Rabelais.

Porque, como acentuei, o comentário gira em torno de certos fatos amenos, alegres. Alegres? Perdão! Façamos um parêntese. Ou antes, uma restrição. E essa restrição será perfeitamente explicada, quando eu falar da missão das doces e abnegadas enfermeiras.

Nesta crônica, é o único detalhe que merece respeito, isto é, esse respeito grave, litúrgico, educado, de quem fala a u'a monja, diante da majestade de um altar.

Há dias, numa roda de intelectuais, cada um de nós emitia a sua opinião, a respeito da profissão que mais convinha à mulher. Foi quando um deles, citando a frase lapidar de um advogado francês, em defesa de uma jovem apaixonada, que praticara a eutanásia, na pessoa do seu noivo, tuberculoso em último grau, — com o fim de o não ver mais padecer — exclamou, enfaticamente: "Srs. jurados! As mãos da mulher foram feitas para dulcificar e amenizar a dor desesperante dos que sofrem!"

Alguém lembrou-se de opinar: — Seria melhor dizer: "As mãos das enfermeiras"... Sim — continuou ele — porque são essas sacerdotisas do Bem, essas abnegadas criaturas que, na hora mais amarga, para os destinos da Nação e quando os seus defensores sangram e gemem, por ela — é nessa hora suprema que o uniforme da enfermeira aparece, e as suas mãos, leves e generosas, simbolizam as mãos agradecidas da Pátria.

— A imagem não deixa de ser bela — comenta outro. — Mas, é justo afirmar que há,

sinda, uma outra virtude a louvar na mulher...

— Semelhante à doçura, à piedade?

— Ela resume tudo. Tudo, porque é o dom da economia.

— É claro que não há paralelo, no caso, — disse eu. Não se encontra, mesmo, de pronto, analogia estreita entre a abnegação da enfermeira e o espírito de economia — seja no homem ou na mulher.

Mas, para alegrar a palestra, um escritor atalhou:

— Certo homem de letras — creio que Paolo Monelli — observou, com ironia: "Uma mulher é sempre uma mulher. Uma mulher rica não é senão uma mulher rica, e uma literata, no fim de contas, é uma nossa ilustre colega". Pode-se acrescentar: "Sim, mas uma mulher econômica pode ser tudo isso, e mais uma ecônoma."

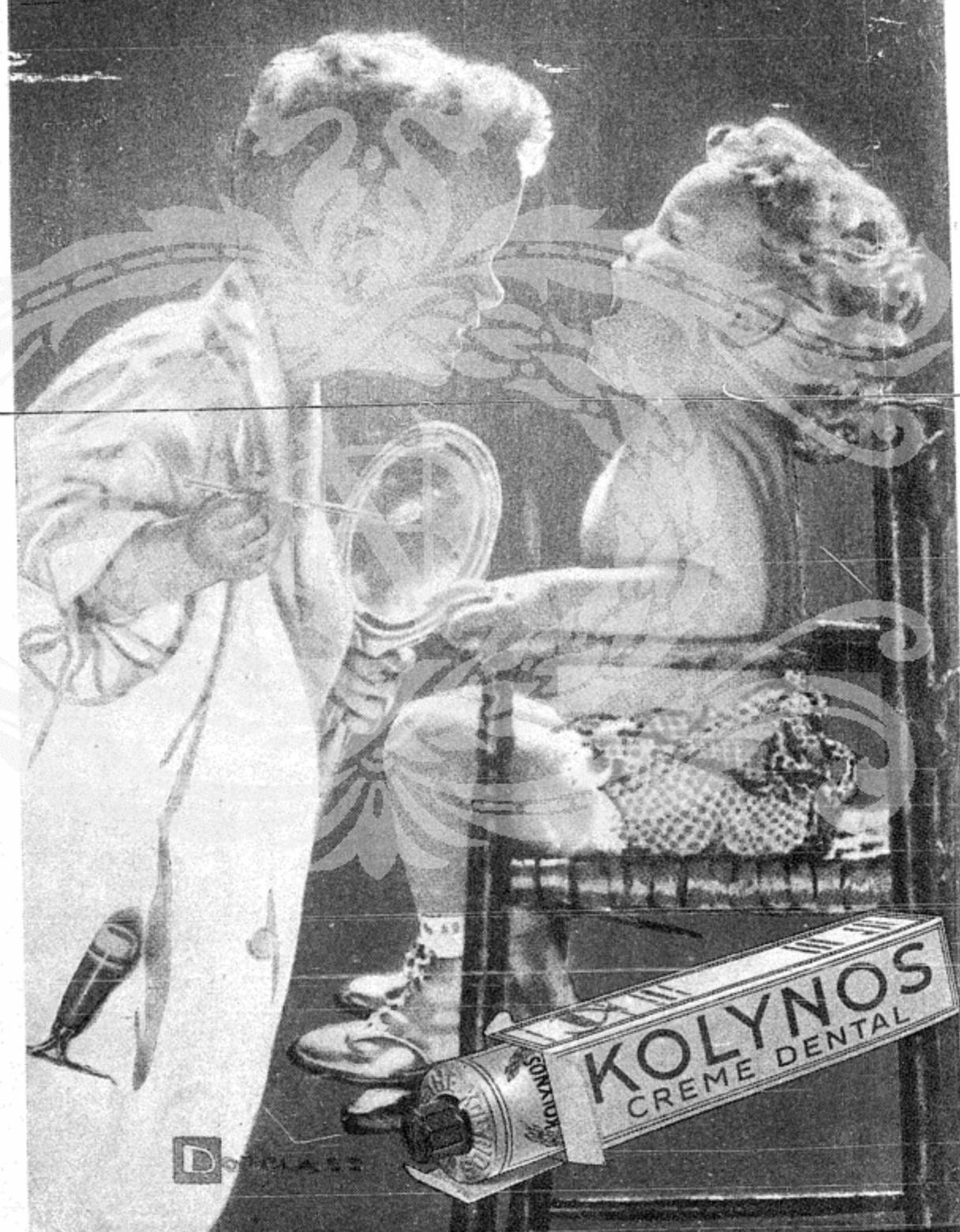
Um pintor, que até então estivera em silêncio, falou. Achou que o argumento era fraco. E ponderou que, afinal, a economia não era um mérito peculiar à mulher — como o dom da bondade e da doçura a uma enfermeira dedicada. E contou a seguinte anedota, para provar que um homem pode ser tão bom ecônomo quanto a esposa mais meticulosa.

— X... — disse ele — estava às portas da morte. O médico veio e não deu a menor esperança. O desenlace era aguardado a todo instante. Súbito, o enfermo chama a mulher: — "Você já mandou tingir as roupas para o luto?" — "Já — declara a esposa, consternada —" — "Qual foi o tintureiro?" — "O da esquina". — Não! — discorda o moribundo. — Mande tingir no tintureiro da rua Z... Ele faz o serviço mais barato, um cruzeiro". E expirou.

Apenas, eu quero crer que o contador da anedota confundiu a feia tara da avareza com a economia — virtude apreciável.

BASTOS PORTELA

"VOCE PRECISA DE KOLYNOS!"



EFICAZ · ECONÓMICO · REFRESCANTE

**FON
FON**

Cr\$1,00
EN TODO O
BRASIL

Molde no Suplemento

FON

QUANDO VOLTARES . . .

*Voltarás! Sei que um dia hás de voltar,
trazendo nos teus lábios um sorriso...
E assim, meu coração há de vibrar,
como um festivo e barulhento guizo!*

*Hás de voltar um dia, pois preciso
de ti, de tua voz, do teu olhar...
Voltarás, pois scndo perco o juizo,
por ficar tanto tempo a te esperar...*

*E nesse dia, amor, eu jularei,
de tantas cousas, laudas, que eu bem sei,
que de me ouvires ficarei cansado...*

*Mas o contrario pode acontecer,
Pois tenho tanta coisa a te dizer,
que sou capaz de não dizer-te nada!*

LUIZ OCTAVIO

RITO DO AMOR IMORTAL

*— Visão serena, a te sorrir num halo,
Em florente e mirífica alameda —
O alto Amor que os caminhos descnreda,
Persegue-o, ansioso e lesto, a namorá-lo!*

*Perante o augusto Sol, constante, queda
A alma calva, o coração vassalo:
Abre em flores o peito, a cada abalo,
Esbraseado na eterna labareda!*

*Vive assim — pio monge, genuflexo,
Prosternado, a estercilar, num doce amplexo,
As imagens criadas no teu Sonho!*

*Guarda a chama do Amor no seio ardente,
E esse Sol te renasça diariamente,
Num alúculo esplêndido e visionho!*

OTONIEL BELEZA

CHEFES DO EXÉRCITO E DA MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS



POR ocasião de uma recente reunião dos altos chefes militares norte-americanos, em Washington, foi fixado o flagrante acima em que se vê o almirante E. J. King, comandante em chefe da esquadra dos Estados Unidos, palestrando com o general George C. Marshall, chefe do Estado Maior do Exército. Sobre estes dois homens pesam as maiores responsabilidades quanto ao desenvolvimento das operações militares de que participam as forças norte-americanas. (Cliché da Inter-Americana).

ANO XXXVII

NÚMERO 3

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro :
16 de Janeiro
de 1943

FEON

Um pouco de bom humor...

A O despontar este ano de 1943, com a sua messe de esperanças, que ao menos nos seja permitido tratar de assuntos pitorescos e alegres. Uf! Basta de lágrimas! Basta de dores, de luto, de miséria e terror! E, por isso, meus senhores, espero que não levem a mal o fato de vir fazer um comentário divertido, com aquele sadio bom humor à Rabelais.

Porque, como acentuei, o comentário gira em torno de certos fatos amenos, alegres. Alegres? Perdão! Façamos um parêntese. Ou antes, uma restrição. E essa restrição será perfeitamente explicada, quando eu falar da missão das doces e abnegadas enfermeiras.

Nesta crônica, é o único detalhe que merece respeito, isto é, esse respeito grave, litúrgico, educado, de quem fala a u'a monja, diante da majestade de um altar.

Há dias, numa roda de intelectuais, cada um de nós emitia a sua opinião, a respeito da profissão que mais convinha à mulher. Foi quando um deles, citando a frase lapidar de um advogado francês, em defesa de uma jovem apaixonada, que praticara a eutanásia, na pessoa do seu noivo, tuberculoso em último grau, — com o fim de o não ver mais padecer — exclamou, enfaticamente: "Srs. jurados! As mãos da mulher foram feitas para dulcificar e amenizar a dor desesperante dos que sofrem!"

Alguém lembrou-se de opinar: — Seria melhor dizer: "As mãos das enfermeiras"... Sim — continuou ele — porque são essas sacerdotisas do Bem, essas abnegadas criaturas que, na hora mais amarga, para os destinos da Nação e quando os seus defensores sangram e gemem, por ela — é nessa hora suprema que o uniforme da enfermeira aparece, e as suas mãos, leves e generosas, simbolizam as mãos agradecidas da Pátria.

— A imagem não deixa de ser bela — comenta outro. — Mas, é justo afirmar que há,

ainda, uma outra virtude a louvar na mulher...

— Semelhante à doçura, à piedade?

— Ela resume tudo. Tudo, porque é o dom da economia.

— É claro que não há paralelo, no caso, — disse eu. Não se encontra, mesmo, de pronto, analogia estreita entre a abnegação da enfermeira e o espírito de economia — seja no homem ou na mulher.

Mas, para alegrar a palestra, um escritor atalhou:

— Certo homem de letras — creio que Paulo Monelli — observou, com ironia: "Uma mulher é sempre uma mulher. Uma mulher rica não é senão uma mulher rica, e uma literata, no fim de contas, é uma nossa ilustre colega". Pode-se acrescentar: "Sim, mas uma mulher econômica pode ser tudo isso, e mais uma economista."

Um pintor, que até então estivera em silêncio, falou. Achou que o argumento era fraco. E ponderou que, afinal, a economia não era um mérito peculiar à mulher — como o dom da bondade e da doçura a uma enfermeira dedicada. E contou a seguinte anedota, para provar que um homem pode ser tão bom economista quanto a esposa mais meticulosa.

— X... — disse ele — estava às portas da morte. O médico veio e não deu a menor esperança. O deseniace era aguardado a todo instante. Súbito, o enfermo chama a mulher: — "Você já mandou tingir as roupas para o luto?" — "Já — declara a esposa, consternada —" — "Qual foi o tintureiro?" — "O da esquina". — Não! — discorda o moribundo. — Mande tingir no tintureiro da rua Z... Ele faz o serviço mais barato, um cruzeiro". E expirou.

Apenas, eu quero crer que o contador da anedota confundiu a feia tara da avareza com a economia — virtude apreciável.

BASTOS PORTELA

— ÉSTE quadro tem uma história que vale a pena conhecer — disse o encarregado da pinacoteca aos turistas que visitavam o grande salão de arte.

Fazia uma tarde esplêndida de maio. O palácio onde funcionava o museu de pintura que pertenceu ao marquês de Bragança estava silencioso dentro da serenidade augusta da velha rua por onde, outrora, subiam, majestosos, os caleches imperiais. Só de quando em quando um automóvel moderno deslisava por ali, enchendo de trepidação aquele recanto que ainda conservava o encanto e a doçura do passado.

Os visitantes, alguns estrangeiros impassíveis e dois ou três diplomatas brasileiros que os acompanhavam, detiveram-se, curiosos, diante do quadro que pendia de uma parede carcomida, à esquerda de quem entrava no salão. Era uma linda mulher jovem e morena, de olhos negros, que o pintor fixara em atitude meditativa olhando o céu de uma cena rústica, em que se viam algumas árvores solitárias e um recorte de serra azul dominando o fundo da paisagem. As cores da pintura eram fortes e a tela devia medir, pelo menos, uns dois metros de altura.

— Dizem — continuou o encarregado, um homem baixo, de cerca de setenta anos, e usando óculos escuros — que esta mulher existiu e foi a heroína de um romance cujos capítulos finais se desenrolaram a dois passos deste palácio, há pouco mais de meio século.

Todos ficaram atentos á palavra do narrador, que se mostrava inquietamente desejoso de contar a história daquele quadro.

— No tempo do império, a sociedade era rígida somente para os fidalgos que não gozavam dos favores da corte. Os outros tinham liberdade de sentir e de pensar como entendessem, amando as mulheres que quisessem e apresentando-as, ostensivamente, nos salões, ao *grand-monde* frívolo e astucioso da época. Não se compreendia nem se admitia um caso de amor entre os plebeus da



nobreza. Por isso mesmo, foi um escândalo social a paixão do jovem Paulo de Nerval, conde do Riachuelo, pela filha de um hoteleiro da rua do Lavradio.

— Luiza Amorim era uma formosíssima jovem morena, que possuía a graça tropical das brasileiras de hoje. Filha de um casal de portugueses, residia perto do conde de Riachuelo, que a via passar, diariamente, para a escola, sobraçando livros e vestida com a simplicidade da gente de sua classe. O conde olhava-a com enlêvo, porque a rapariga tinha uma beleza deslumbrante e uma vivacidade que os olhos negros refletiam eloquentemente. Certa manhã, ele resolveu falar-lhe, e ela, diante daquele moço louro, bonito, não se sentiu capaz de deixar de ouvi-lo. Tornaram-se namorados. Namorados escondidos, porque os pais do conde não poderiam permitir que o filho se apaixonasse por uma descendente da plebe. E quando o fato chegou ao conhecimento da família nobre, o rapaz foi, violentamente, afastado da mulher amada, e severamente castigado num exílio que forçaria o esquecimento definitivo. Mas o coração do homem, ou da mulher, que ama não pode esquecer o motivo irresistível do seu amor. E não veio o almejado esquecimento.

— As influências da família do conde foram ao ponto de conseguir a mudança dos pais de Luiza para outro ponto do país. O hoteleiro teve que abandonar a metrópole para ir estabelecer-se

numa cidade paulista. Levou a filha e desapareceu.

— O jovem conde, sentimental e apaixonado, ficou alucinado na sua angústia e procurou, inutilmente, conhecer o paradeiro da família Amorim, banida impiedosamente, sem uma razão forte que o justificasse. Julgava-se o culpado daquele castigo inominável imposto a quem não tinha cometido um crime contra as leis do país. Não compreendia a atitude deshumana de seus pais e revoltava-se contra aquele excesso de zelo, que seu coração repudiava. Mas o tempo foi, dosimetricamente, gotejando sobre o episódio romântico da rua do Lavradio a essência do esquecimento. E tudo pareceu ter acabado.

— Entretanto, Luiza estava, irremediavelmente, na vida do conde, o qual, se aparentemente se mostrava curado da paixão, conservava, todavia, a lembrança daquela que o impressionara tão profundamente e que jamais esqueceria. E assim continuava agindo no sentido de descobrir o destino de sua pobre morena.

— Um dia, quatro anos depois, quis o acaso que os namorados de novo se encontrassem. O conde terminara seus estudos e tivera como prêmio uma excursão pelo Brasil, desde o Rio Grande do Sul ao Amazonas. Um navio o conduziu a Porto Alegre, de onde ele veio, depois, por via marítima, até Santos, conhecendo apenas as cidades litorâneas. No grande

porto de São Paulo desembarcou para ir até a capital bandeirante. Homenageou-o o governador da província, que o levou a Campinas, a antiga Villa de S. Carlos, pouso dos bandeirantes que rumavam para Minas, Goiás e Mato Grosso, e cuja história estava assim intimamente ligada á própria história da nacionalidade.

"Aí, Paulo de Nerval encontrou, afinal, a sua amada. Luiza morava em Campinas, lá para os lados do Bonfim, desde que seus pais tinham sido obrigados a abandonar o Rio de Janeiro. Cursava a Escola Industrial e ajudava a mãe nas tarefas domésticas. O pai tinha um restaurante na praça Bento Quirino, procurando recuperar nesse negócio os prejuizos decorrentes de sua forçada mudança.

"Foi na missa da Catedral que Paulo viu Luiza, e logo se perturbou diante de sua figura morena e triste. Procurou falar-lhe. A moça esquivou-se, com receio de ver seu pai novamente perseguido. O conde insistiu. Tranquilizou-a. E verificou que ela ainda o amava.

"Começou então o novo capítulo do romance. Paulo quis ficar mais tempo em Campinas. A comitiva oficial regressou a São Paulo. Desapontada, a começar pelo governador, com a desatenção do filho do marquês de Bragança. Este soube logo do fato, e ordenou o regresso imediato do filho. Nada, porém, conseguiu, porque o conde não voltou.

"Luiza alarmou-se. Alarmaram-se seus pais. Presentiram nova intervenção do marquês para afastá-lo dali. Já pensavam nos confins de Mato Grosso. Mas o amor venceu. E o conde, mesmo contrariando os desejos paternos, casou-se com Luiza. Era maior, agora, e poderia fazê-lo. Perdeu, porém, os direitos que a nobreza reserva e garante somente aos que não se divorciam das suas leis implacáveis. E, abandonado pelos pais, desherdado, ficou, desde então, pertencendo á classe da plebe.

"Os negócios do antigo hoteliro da rua do Lavradio declinaram

com a nova perseguição política de que foi alvo o pai de Luiza. Paulo viu-se na contingência de trabalhar para auxiliar o velho português, vítima, por assim dizer, da fatalidade de sua paixão. Eram-lhe, porém, negados os empregos que pretendia. Havia uma evidente má vontade contra ele. Talvez a influência do pai...

"Mas o jovem, com os seus vinte e dois anos, não desanimou. Internou-se pelo sertão, como um novo bandeirante, para desbravar o seu destino. Bandeirante do amor e da esperança... Na Escola, ele fizera um brilhante curso de pintura. Era uma vocação de artista. Tornou-se pintor de profissão. Fez quadros que maravilharam os críticos da época. Retratos, paisagens, interiores... Voltou a Campinas. Foi a São Paulo. Realizou exposições. Foi elogiado pela imprensa. Ganhou dinheiro. Salvou da ruína a família da esposa. E depois de enriquecer, veio para o Rio de Janeiro..."

O encarregado do museu deixou de falar e continuou olhando o

quadro que representava a mulher morena. Seus óculos escuros velaram uns olhos azues, que não queriam aparecer aos visitantes daquele palácio.

— E qual foi o fim do pintor? — perguntou um deles. — Ainda vive? Ou já morreu? E Luiza? E seus pais?

— Ela já se foi deste mundo, depois de ter sido tão feliz. Mas ele é vivo. Envelheceu sem fortuna. Seus pais, com a República, perderam a situação que tinham no Império. E o filho os salvou da miséria. A vida sempre teve dois lados... Paulo, depois que a esposa morreu, vítima de um colapso cardíaco, ficou, também, na miséria. Desinteressou-se pelos negócios e pela própria arte que o encheva de glória. A residência do casal, ali em São Cristovão, cobriu-se, perenemente, de luto. Nunca mais o pintor sorriu. Fugiu-lhe, com a companheira, a alegria radiosa e fecunda que o animava.

"Este quadro foi sua última inspiração. Estava a esposa ainda no

(Conclue na página 10)



O Modêlo da Semana



Frêsca e Radiante

Estas qualidades são obtidas facilmente com Oodorono Líquido, o método mais seguro para impedir a transpiração.

Use Oodorono Líquido cada semana e deixe-se de preocupar-se durante esse tempo com o problema da transpiração.

Oodorono é uma fórmula médica e inteiramente inofensiva. Dois tipos: "Regular" o mais seguro, e "Instantâneo" (mais suave) para a pele sumamente delicada.



ODO-RO-NO



CONTRA CABELOS BRANCOS
E QUEDA DOS CABELOS

JUVENTUDE ALEXANDRE



CAROL BRUCE, a fulgurante «estrêla» da Universal, oferece às suas admiradoras de todo o Brasil êste original conjunto, que consta de um elegante macacão verde oliva, usado sobre blusinha de fazenda leve, estampada. Botões de madreperola adornam a blusa e o cinto.

Napoleão e Beethoven

(EM TÓRNO DE UMA CRÍTICA)

Cel. SERÔA DA MOTTA

O Coronel Serôa da Mota, ilustre figura do Exército Brasileiro, solicita-nos a publicação dos seguintes esclarecimentos a propósito de uma crônica de arte do nosso colaborador Oscar d'Alva, o que fazemos atendendo a uma tradição e a uma norma da ética jornalística e ainda porque sempre respeitamos a opinião pessoal de quem assina seus trabalhos em FON-FON.

Em FON-FON de 19 do corrente, ao fazer Oscar d'Alva a crítica de um concerto sinfônico, com aquele *savoir dire* que lhe é característico, focalizou o nome de Napoleão Bonaparte, em tórno dele bordando determinados comentários. Esses comentários originaram o artigo que se segue:

Quando Bonaparte subiu ao poder integrando o triumvirato de Consules, sendo destes o primeiro, fê-lo animado do mesmo desejo que ardia no peito dos revolucionários de 1789 e 1793.

Era ele um filho da Revolução, mas não um "filho desnaturado", como disse Oscar d'Alva, porque nele palpitava, latente, a tríade dos princípios igualitários que nortearam os verdadeiros filhos da Revolução e que consubstanciavam o governo democrático de homens livres em país livre: LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE.

O trabalho de reconstrução nacional exigia o concurso leal de todos os franceses, pois a França assemelhava-se a um doente em convalescença e a terapêutica aconselhada era o sossêgo absoluto. Qualquer ruído poder-lhe-ia ser fatal.

Tal não se dava, entretanto. Os descontentes, os ambiciosos, os traidores faziam guerra surda ao Primeiro Cônsul. Os atentados se sucediam. Enchiam-se os ares de punhais, visando arrancar-lhe a vida.

Ele, que como revolucionário preconizara a LIBERDADE, via-se na contingência suprema, em benefício da própria França, de suprimi-la e, suprimindo-a, fazia periclitar as suas irmãs — IGUALDADE E FRATERNIDADE. Daí o chamar-lhe Oscar d'Alva "traidor dos ideais de 89 e 93".

Qual o Chefe de Governo sensato, e dotado de alto descortínio,

que do mesmo modo não procederia em tal emergência?

Ora, a sinfonia que Beethoven lhe dedicou, o que intitulou — "BONAPARTE", fora escrita em 1804, e Napoleão há 5 anos dirigia os destinos da França, impondo durante esse tempo as restrições decorrentes da situação interna de um país convulsionado por lutas incessantes, avultando dentro dessas restrições o cercamento da LIBERDADE, como medida extrema de ordem pública assecuratória da tranquilidade do país. E assim, enquanto Beethoven fazia "vista grossa" sobre a atitude de Napoleão, no período 1799-1804, conservando a "grande ilusão de que era ele um campeão da LIBERDADE", Oscar d'Alva atribue-lhe qualidades negativas de "filho desnaturado da Revolução e traidor dos ideais de 89-93".

Imperador pelo voto unânime da Nação, foi esta quem o fez e não ele, "o bandido corso, o Atila daqueles tempos", que se fez. E só então Beethoven "riscou-lhe o nome e o poema passou a ser a glorificação de um herói, poema que deve ser ouvido abstraído-se da nefasta ilusão que o inspirou", disse aquele crítico.

Queira ou não queira Oscar d'Alva; queiram ou não os maldizentes de Napoleão, a 3.ª sinfonia de Beethoven, mesmo que tenha sido posteriormente dedicada a outrem, continuará a sê-lo a Bonaparte. Foi ele quem a inspirou: nela palpitam o gênio de Beethoven e o gênio multiforme de Napoleão, ambos trabalhando em setores diferentes: Bonaparte, escrevendo com sua espada, nos campos de batalha, páginas rutilantes de glória; Beethoven, escrevendo sobre as pentagramas a música que educa, que enleva, que fascina, que arrebatava.

Esse admirável poema de sons rememora a vida de ambos. Em Beethoven, lembra sua vida cheia de trevas e de luz. Trevas, quando surgiu para a Humanidade, filho de pais tarados; desventurado nos seus amores; curtindo dias amargos de existência que se sucedem monotonamente; a surdez que o acometeu; os últimos dias de vida, quando entregue ao desalento; finalmente, a morte que



DUAS RAZÕES PARA USAR O ESMALTE PEGGY SAGE

Durabilidade e proteção — Peggy Sage dura mais do que qualquer outro esmalte; forma uma película que protege as suas unhas contra quebras.

Elegância — Tôdas as senhoras elegantes preferem Peggy Sage porque é o esmalte que apresenta a maioria das tonalidades aprovadas pela moda.



CEREJA
VINTAGE
INCARNAT
SCARLET
VERMELHO
HACIENDA
TULIPA
CEREJA NEGRA
CLARET
TANYPORT

Peggy Sage

(Conclue na página 11)

FON - FON

SAIBAM TODOS...

DIREÇÃO DE BASTOS PORTELA (YVES)

OS MELHORES VERSOS DA SEMANA

ENCANTAMENTO

DE

OTONIEL BELEZA

*Amo-te assim misteriosa e pura,
A Deus constante alevantando o olhar,
— Flor de encantos vernais, sol da ventura,
Com blandícias minha alma a deslumbrar!*

*Amo-te assim — modelo de candura
E de meiguice feminina sem par,
— Estréla a guiar-me a perfeição futura
E o Céu longinquo e ledo a revelar!*

*Amo-te assim nigricoma e formosa,
Assim morena, assim fagueira, assim
— Mulher que invisível e ingenua graça esposa!*

*E quero-te um dulcíssimo serafim,
Que me desfaça desta vida a prosa,
Enflorando-a em sorrisos para mim!*

NARCISO BRANCO (Capital) — Já fiz a crítica do seu soneto "Incumbencia Sublime". Ela não lhe foi favorável.

Procure, em nossa gerência, a coleção do FON-FON, referente a outubro ou novembro deste ano, e nela verá a resposta que lhe dei. Nada pagará por isso.

JORGE MONTE ALVO (?) — Não sei de onde me escreve. Em todo o caso, respondo ao sr., começando pela publicação de sua carta.

Eis o que o sr. me diz:

"Sr. Yves. Acompanham esta carta duas composições poéticas da minha autoria. Decerto que não passará despercebido ao seu arguto espírito crítico o fato de ter empregado em ambas uma mesma impressão: desfolhar. E ainda mais o soneto ao em vez de oito sílabas, como lhe é peculiar, em cada verso, tem nove. No entanto, se de fato existir nelas algo de belo, espero que estas mínimas imperfeições serão consideradas como tal. Aqui fica o admirador."

Ora, a crítica dos seus versos está feita pelo sr. mesmo. Diante do que me diz, eu só tenho a declarar o seguinte: conserte os seus versos.

Se o sr. quer a minha opinião, e confessa que eles estão defeituosos, é claro que não o irei contrariar.

Vejamos aqui o seu soneto (!)

IMPERCEPTIBILIDADE

*Como a flôr do botão desabrocha,
Como nascem ao noturno negror,
tantos astros, assim, tu surgiste,
Abrasando o meu peito de amor.*

*Eu achava tão belos os dias
E a vida vivi com ardor;
Nem sequer um momento pensava
Que a alegria transforma-se em dor!*

*Era certo! Ela veio tremendo!
Suportei-a, mas como, não sei!
Tanta coisa me fez lembrar*

*Que as flores d'abertas, desfolham,
As estrélas, por vezes, se encobrem,
Da neblina brumosa a passar!*

Recapitulando, devo dizer que o sr. deve, mesmo, aprender, antes, a escrever versos. Será bom tomar um professor de português. Depois, então, compareça... E estou certo de que, nesse dia, o sr. já estará arrependido do crime que hoje comete, com esses estafermos... poeticos...

GABRIEL DO ANUNCIO (Espírito Santo) — Chamo a sua atenção para certos versos que estragam o seu poema.

Exemplo:

"As folhas, como irmãs, deram-se cedo"...

Há, aí, como vê, essa *collisão* detestável: ... se — cedo.

Outro verso mau:

"Mas tudo se desfez, foi dado a ruir..."

A construção, na forma passiva, afeou o verso. Seria melhor dizer:

"deu em ruir..." E' ainda um tanto pau — mas é clássico.

Vejo ainda:

"Meteoro astral..."

Meteoro é um fenômeno atmosférico. Não é astral. Uma estréla cadente é um meteoro. Mas não é um fenômeno astral.

Faça o favor de estudar mais.

BASTOS PORTELA (YVES)

"SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ela se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. É um guia do leitor, especie de "vademecum", destinado a consultas rápidas e uteis.

Endereço — Rua da Assembléa n.º 62 — Caixa Postal 97 — Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondência referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redação, acompanhada do coupon da pagina ao lado.

COUPON

Data da consulta.....

Nome do consuente.....

16-1-1943

Não tussa!

*Trate com cuidado a
Bronquite, que é
uma doença perigosa,
com*

**PULMONAL
E' FANTASTICO**

Distribuidores Gerais:

Drogaria Sul-Americana

Largo de São Francisco, 42

PHENOMENO



**É
O GRANDE E
ANTIGO
SEGREDO
QUE
TORNA LINDOS
OS
CABELLOS**

**PERFUMARIA TARRÉ
R.Visc. DO RIO BRANCO, 60-RIO-**

PRAGA NIPONICA MORTA NAS ILHAS SALOMÃO



SOLDADOS japoneses mortos durante um combate travado pela posse da ilha Guadalcanal. As operações militares no arquipélago das ilhas Salomão terminaram por uma brilhante e total vitória das forças dos Estados Unidos. Os nipônicos sofreram enormes perdas. (Cliché da Inter-Americana).

OS HOMENS PREFEREM

olhos lindos e limpidos!



Não permita que seus olhos pareçam cansados ou congestionados. Faça uso diário de Lavalho, que lhe conserva a beleza do olhar.

LAVOLHO
CLAREIA OS OLHOS



A Mulher Brasileira...

Um grande sucesso de livreria, encerrando uma série de conselhos e ensinamentos práticos que toda mulher deve seguir em benefício da sua saúde, Beleza e Mocidade!

Léa Silva
SEJAMOS BELAS

Pedidos a Léa Silva — Rádio Nacional, acompanhados do cupom abaixo e da importância de 15\$000 ou nas principais livrarias do Rio.

Nome

Rua

Cidade

Estado

MOLDES DE "FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º publicado no FON-FON de de acordo com as seguintes medidas:

Comprimento do decote da cintura

dos quadrís da barra

Circunferências: do busto da cintura

dos quadrís

Medidas do ombro da manga

do punho das costas

Junto a importância de (em selos de 20 centavos do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME

RUA N.º

CIDADE ESTADO

Juntar a importância de três cruzeiros (Cr\$3,00) em dinheiro ou em selos de 20 centavos, para entrega a domicílio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de dois cruzeiros e cinquenta centavos (Cr\$ 2,50).

Toda correspondência deverá ser dirigida para o seguinte endereço:
RUA DA ASSEMBLÉIA, 62-1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL

O ÚLTIMO QUADRO

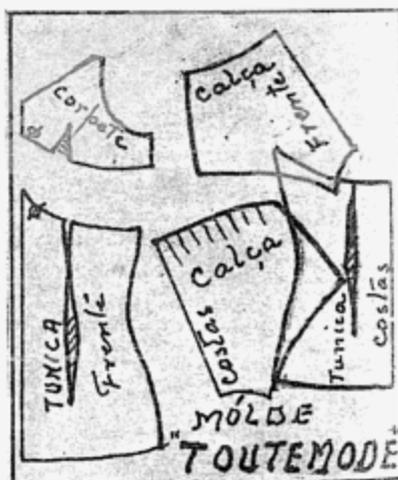
(Conclusão)

seu leito de morte quando ele o pintou, chorando, diante de um retrato de Luiza no Bosque de Campinas. Não acompanhou o enterro da esposa, para terminar a pintura, que veio, depois, não se sabe como, parar aqui, neste velho palácio transformado em museu. O tempo não conseguiu consolar o infeliz pintor, que passa os dias velando o quadro que é a mais pura e mais doce lembrança de seu amor..."

O velho encarregado do museu não pôde mais falar. Estava nervosamente comovido. Chorava e ria ao mesmo tempo. E seus olhos escuros, velando-lhe os olhos, não chegavam para esconder-lhe as lágrimas com que ele recordava, angustiado e triste, a figura angelical da linda morena que apaixonara o louro filho do marquês de Bragança...

MARTINS CAPISTRANO

A NOSSA CAPA



ESTE gracioso maillot, realçado pelo corpo escultural de Anne Shirley, compõe-se de calça e túnica com corpete. Pode ser executado em fazenda de lã fina ou de seda grossa estampada. Os moldes acham-se publicados no suplemento anexo ao presente número.

NAPOLEÃO E BEETHOVEN

(Conclusão)

o liberta. Luz, quando sôbre a humanidade, em forma de catadupas, derrama os sons harmoniosos de sua arte insuperável dando-nos, ao ouví-los, a alegria de viver. Em Napoleão, lembra-nos a sua rutilante existência, fecunda e generosa, de um dinamismo inigualável, condensando todas as brilhantes qualidades de um consumado General e de um genial homem de Estado e, finalmente, o seu cativo e morte nos inhóspitos rochedos onde o acorrentaram.

"Filho desnaturado da Revolução; bandido corso; Atila daqueles tempos"; tais foram as suas expressões com que Oscar d'Alva brindou a memória de Napoleão. Goethe, escritor de elegante estilo e de poderosa imaginação; pensador profundo e sábio de grande valor; amigo sincero de Beethoven e de quem este dizia que "o maior orgulho a que podia aspirar um povo era o de ter um homem de tal mérito", pensava de modo contrário a Oscar d'Alva. A Napoleão, assim se referiu êle: — "NAPOLEÃO é um resumo do mundo. Sua vida foi a de um semi-deus. Pode-se dizer que, para êle, a luz que ilumina o espírito não se apagou um instante; eis por que seu destino teve êsse esplendor que o mundo não vira antes e que talvez não veja depois dêle".

"Napoleão foi um dos homens mais produtivos que, porventura, hajam vivido". E quando Goethe assim se expressa, nós nos curvamos diante de sua autoridade.

Perdoe-me Oscar d'Alva a minha tirada. Homens como Napoleão, se não merecem a veneração de muitos, devem merecer o respeito de todos.

Em 26-XII-942.

DR. CLOVIS DE ALMEIDA

(Cirurgião de Hospital Miguel Couto)

CIRURGIA GERAL e VIAS URINARIAS

CONS.: Quitanda n. 3 — 3º

Tel.: 42-1607

RESIDENCIA: 25-0802

...MAKIL é UM SONHO DE BELEZA QUE SE TORNA REALIDADE EM CONTACTO DE SUA PELE...



MAKIL, a última palavra da cosmética francesa, dará á sua cutis o frescor da mocidade...

Aplicando diariamente, durante 5 minutos, MAKIL, sua cutis ficará suave e lisa como pétala de rosa. Um dos grandes segredos de MAKIL consiste no desenvolvimento de oxigênio ativo, em contacto com a cutis.

MAKIL não é água de beleza, nem porcelana para o rosto. Em vez de encobrir os defeitos da cutis, MAKIL elimina-os completamente.

MAKIL evita o afrouxamento da cutis, faz desaparecer as rugas, anima e favorece a circulação do sangue.

À venda nas PERFUMARIAS CARNEIRO, CASA BAZIN, PERFUMARIAS LOPES, CASA CIRIO, A GARRAFA GRANDE, CASA SLOPER, PARC ROYAL, DROGARIA SILVA ARAUJO, CASA TURUNA, e, em Niterói, na PERFUMARIA CENTRAL.

Distribuidor: A. Barroso de Mello. Caixa Postal 1765. Rio. Telefone 42 - 15 - 87.

**NÃO SOFRA
POR GÔSTO...**



A Senhora pode aliviar os males próprios de seu sexo, usando

REGULADOR SIAN

Indicade nas dismenorréas





ANTISSEPTICO GINECOLOGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE

SOCIEDADE AMIGOS DA AMÉRICA. — Na tarde de venerda, 6^a-f., 1^o de janeiro, no Teatro Municipal, realizou-se a instalação solene da *Sociedade Amigos da América*, sob a presidência do seu fundador e principal organizador, o general Manoel Rabelo.

Verdadeira festa de arte política, da política no sentido real do termo, isto é, a arte científica de dirigir a sociedade, não é descabido noticiá-la nestas "Notas", tanto mais quanto a eloquência e a música, modalidades das artes propriamente ditas, das artes estéticas, fizeram parte integrante da solenidade, através dos hinos e discursos que se ouviram e constituíram afinal a própria solenidade.

Tendo por fim essencial a união popular de todas as patrias americanas para colaborar na obra oficial das Nações Unidas contra o Eixo, e defender a Liberdade, por todos os meios racionais e morais e sob qualquer dos seus aspectos, contra as diversas formas da tirania totalitária — cujo tipo mais cínico e perverso é o nazi-nipo-fascismo, a S. A. A. é de fato uma associação de caráter internacional, uma verdadeira Liga pelos Aliados, que, trabalhando pelo Brasil, pela América, pelas Nações Unidas, trabalha realmente pela Humanidade. Aplica-se-lhe bem a divisa que formulamos durante a 1^a guerra mundial de 1914 e adotamos na 2^a, a de 1939 — *Com os Aliados pela Humanidade*, dizendo — *Com a S. A. A. pela Humanidade*.

Iniciada com o Hino Brasileiro executado pela Banda do Batalhão de Guarda — que a todos

Notas de arte

executou — e concluída com a *Marselhesa* — simultaneamente hino francês e hino ocidental — a imponente solenidade cívica nos fez ouvir sucessiva e alternadamente, entre esses extremos, os discursos — do general Manoel Rabelo, presidente da S. A. A., do dr. Odilon Braga, orador oficial, dos Embaixadores: americano, Jefferson Caffery, sobre Washington, mexicano, José Maria Davila, sobre Juarez, venezuelano, Julio Sardi, sobre Bolívar; do dr. Jefferson de Lemos, sobre Toussaint Louverture e do Prof. Ignacio de Azevedo Amaral, sobre José Bonifácio; e os hinos nacionais dos EE.UU., do México, da Venezuela, do Haiti e do Brasil.

Dos discursos relativos aos cinco patronos subjetivos da S. A. A. — Washington, Bolívar, José Bonifácio, Toussaint Louverture e Juarez — alguns versaram quase exclusivamente sobre a vida e a obra desses homens-símbolos, sem maiores referências à sua ação subjetiva na luta contra os salteadores pangermano-fascistas, outros, ao contrário apenas aludindo àquela vida e obra, acentuaram claramente essa ação subjetiva. Filaram-se à primeira categoria os discursos do dr. Jefferson de Lemos, do Prof. Azevedo Amaral e do Embaixador Sardi, e à segunda os dos Embaixadores Caffery e Davila. Mas todos celebraram, implícita ou explicitamente,

o Panamericanismo a serviço da Humanidade.

O discurso do orador oficial foi particularmente notável como peça oratória. O dr. Odilon Braga soube aliar a beleza das idéias com a beleza da expressão. Embora se possa divergir de alguns dos seus conceitos, o certo é que a sua oração foi bem pensada e bem enunciada.

Definindo o objetivo essencial da S. A. A. mostrou-lhe o caráter orgânico, visando congregar todos os que combatem sinceramente o nazi-nipo-fascismo, sejam quais forem as divergências que os separem sob outro qualquer aspecto. Frizou que a S. A. A. apoia a ação oficial do Brasil nas medidas de guerra contra o Eixo. Respondeu clara e precisamente à intriga dos que aduiteram a doutrina de Monroc, classificando-a como instrumento de hegemonia dos EE. UU. sobre as outras nações da América. A respeito lembrou a obra de confraternização interamericana, corporificada principalmente em Ellhu Rool e Joaquim Nabuco. Surgiu a necessidade da guerra preventiva contra a guerra (Aquilo mesmo que temos sustentado em vários artigos avulsos, para evitar surpresas) A propósito disse o orador com eloquência e com razão: "Qual seria a situação do Mundo neste instante si, ao ser invadida a Tcheco-Slovaquia, a França, a Inglaterra, a Rússia, a Polónia, a Belgica, a Holanda, a Dinamarca e a Noruega, se tives-

(Continua na pág. 13)

MOBILIARIOS - TAPEÇARIAS - DECORAÇÕES

ASA MARCA

UNES REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

AGORA SOMENTE - 65-RUA DA CARIOCA-67 - RIO DE JANEIRO



*Um delicioso
acorde
de perfume*

III
 Há perfumes que não se combinam... que, juntos, ficam em dissonância como se fossem notas musicais em tons diferentes. É preciso, assim, que a fragrância do extrato que a mulher usa estenda-se até seus produtos de tocador, para envolvê-la sempre num delicioso acorde de perfume. E essa harmonia de fragrância... essa aura uniforme de sedução existe no Pó de Arroz Coty e Água de Colônia perfumados com Emeraude — o precioso e arrebatador extrato de Coty.



Pó de arroz — Água de Colônia

EMERAUDE

Coty

UM SÓ PERFUME PARA SEU TOCADOR — Dê harmonia aos produtos do seu tocador. Se a Sra. elegeu Emeraude como seu perfume, lembre-se que Coty também possui Loção, Brilhintina, Talco e Pó Prensado com a fragrância de Emeraude.

FON FON

Feminino

desenhos de
J. LUIZ

DIREÇÃO DE HÉLÈNE



Vestido de palha de seda estampada, de fundo em tom natural e estamparia verde-bas-deira. Saia "en forme" com costuras na frente e costas. Corpo com pala arredondada fechando por um botão fantasia.

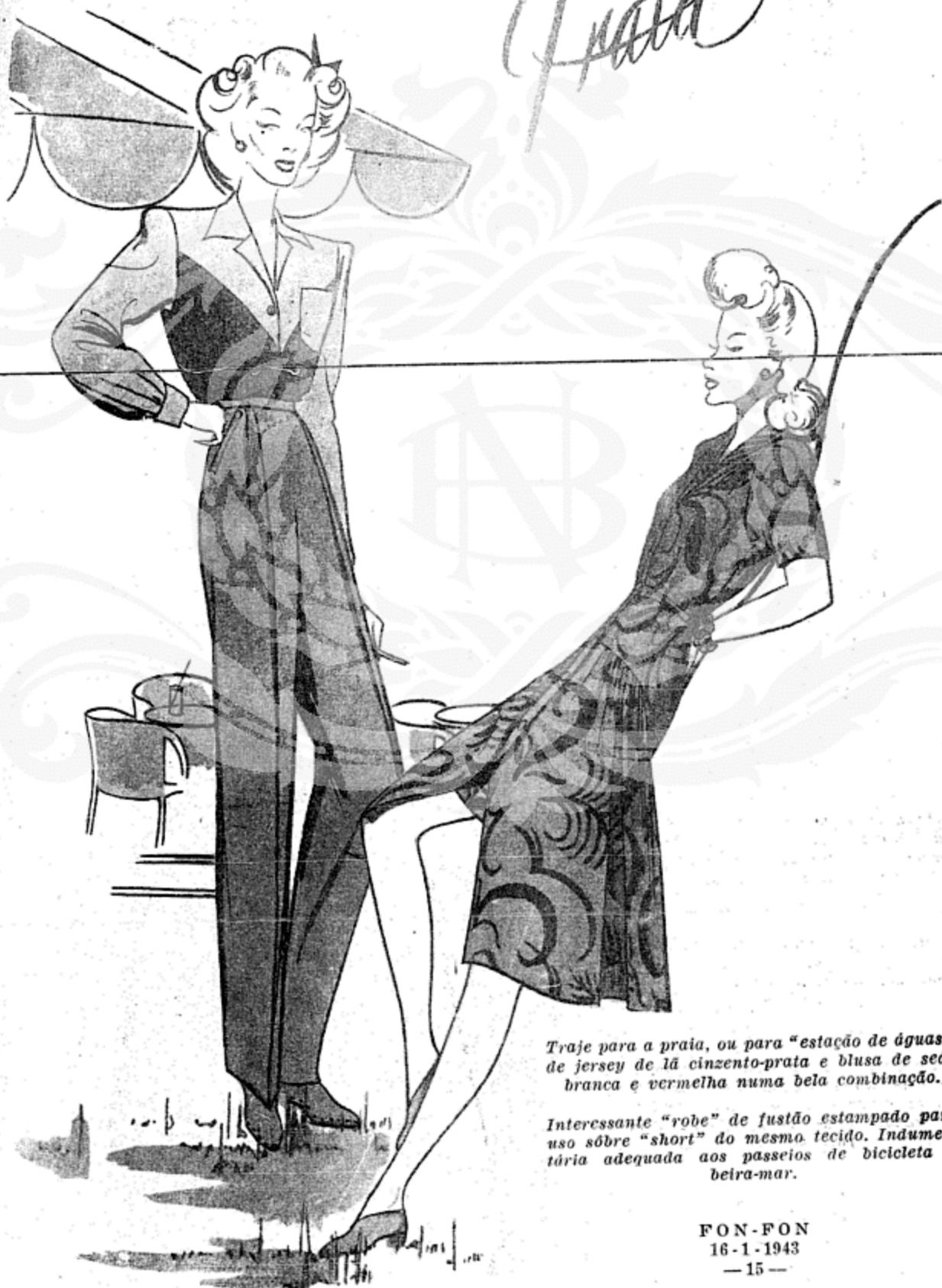
Costume de seda branca. Saia enviezada, com machos batidas a partir dos quadris. Casaco longo, com cinto do mesmo tecido e "pinces" na cintura.

FON-FON

16-1-1943

- 14 -

FON-FON



Traje para a praia, ou para "estação de águas", de jersey de lã cinzento-prata e blusa de seda branca e vermelha numa bela combinação.

Interessante "robe" de fustão estampado para uso sobre "short" do mesmo tecido. Indumentária adequada aos passeios de bicicleta à beira-mar.

FON-FON

16-1-1943

— 15 —



Para os jogos de "tenis" este modelo ficará luxuoso se executado em "crepon" estampado sobre fundo claro com motivos de colorido vivo.

Costume de panamá de seda branco. Calça vincada e paletó sem gola, com dois bolsos aplicados. Cinto de camurça.

Outro elegante modelo de esporte: feito em linho branco-pérola para as calças e cambráia de linho listrada, de fundo verde, vermelho ou azul para a blusa.

FON-FON

16-1-1943

- 16 -



Para o trabalho diário oferecemos duas interessantes sugestões: — a primeira, saia de seda negra com panos mais largos na base e machos nas costas, e blusa de tipo "chémisier" de seda branca ou de tom suave, com peitilho trabalhado de "nervures" feitas a mão; — a segunda, um "ensemble" composto de vestido e casaco de linho beije-queimado, com pespontos "gênero correteiro" de linho marrom-escuro.

FON-FON

16-1-1943

— 17 —



Vestido de seda leve, no tom preferido. Saia com nervuras formando desenho na altura dos quadris e terminando em pregas. Corpo recortado com duas "pinces", de modo a folgar o busto.

Vestido de "shantung" azul-pastel, com embutidos da mesma fazenda em cor vermelho-cereja. Cinto neste último tom.

Vestido de seda azul-hortênsia. Corpo longo, ligeiramente arredondado na frente. Saia franzida. Peitilho e gola de fustão de seda branco.

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

sem levantado como um só povo e invadido a Alemanha? Que adiantou o recuo e o ludíbrio de Munich? De que serviu á infeliz Polónia o seu governo militar e os seus dois milhões de homens bem armados? Faltou-lhe bravura? Jamais. Faltou-lhe a compreensão da oportunidade de fazer a guerra." Aludindo ao lema da Revolução Francesa — *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* — e analisando-o, acabou preferindo estas palavras altamente significativas: "Positivista ou cristã, é na fraternidade que os AMIGOS DA AMÉRICA allcerçam todas as suas esperanças e firmam sua resolução de lutar pela redenção das nações oprimidas pelo extermínio da guerra e pela concórdia afetuosa dos povos americanos."

Entrecortada a bela oração por aplausos muitos, estes atingiram a inacessíveis alturas quando o orador oficial se referiu a incomparavel e única attitude da Inglaterra, repellindo sozinha o infernal ataque aéreo dos novos hunos nas batalhas de setembro de 1940, onde as "mãos inglesas" e o "homem da rua" venceram para sempre as hostes imundas dos saltadores de Hitler e seus sequazes d'aquem e d'além mar.

Precedendo a todos, ouviu-se o discurso inaugural do General Manoel Rabelo, que o iniciou com estas palavras de grande e justificado jubilo "É grande a minha emoção ao declarar instalada a Sociedade Amigos da América. Nós que a organizamos com o pensamento voltado para as legítimas aspirações humanas, convocamos o povo para comparecer a este comício. Vemos, agora, com indescriptivel alegria, que o nosso apêlo não foi em vão. Estão repletos os lugares deste majestoso edificio. Nas poltronas, nas frisas e camarotes, nos balcões e galerias, sentimos a presença de todas as classes representativas do país, ricos e pobres, homens das chamadas classes conservadoras e

(Cont. na pág. seguinte)

EMPRESTE À SUA ELEGÂNCIA A PERSONALIDADE DE SEUS DOTES, CONFECCIONANDO OS SEUS PRÓPRIOS VESTIDOS!



Modelos anatomicamente estudados, em todos os tamanhos e medidas. Modelos originais, de grande elegância.



Os modelos vêm impressos na própria tecida, com todas as instruções necessárias. Aproveitamento máximo da fazenda. Fácil de cortar e de confeccionar.



Tecidos de seda, lã e algodão, com lindas e originais decorações, inspiradas em motivos históricos, regionais e legendários.



Elementos de decoração distribuídos com originalidade, arte e gosto. Cores fixas.

○ CORTE, o modelo, as indicações... tudo está desenhado no próprio tecido. Ao comprar um corte, a senhora já adquire, praticamente, o próprio vestido! Examine esta novidade sensacional!

Confecções SANTIAGO
(MODELOS DESENHADOS NO PRÓPRIO TECIDO)

Distribuidores Exclusivos:

Rio - **LOJAS BRITO** - Av. Rio Branco, 108 - Edifício Martnelli
São Paulo - **LOJAS FERRÃO** - Rua Libero Badaró, 200

REUNIDAS

— 19 —

REGRAS A SEGUIR

I—No quadro I, em forma de cruz, se encontram as letras fixas referentes aos anos; no Quadro II se acham os números fixos relativos aos meses; e no Quadro III os dias da semana desejados.

II—Qualquer ano procurado encontra-se na combinação dos anos seculares das colunas verticais com os números de 01 a 100 das linhas horizontais, do Quadro I.

Exemplo: 1929 igual a 1900 mais 29; 1600 igual a 1800 mais 100.

III—Quando o ano proposto é comum, utilizam-se os meses que estão na parte superior do Quadro II; mas, quando é bissexto, só devem ser usados os da parte inferior. Pelo Calendário Juliano são bissextos todos os anos divisíveis por 4; e pelo Gregoriano os que também forem divisíveis por 4, menos os anos seculares que só o são quando divisíveis por 400. Assim os anos seculares 1.600,

R. B. de Britto Peretra, perito-contador de grande prestigio nos meios financeiros-sociais e um estudioso dos problemas relacionados com a ciência da matemática, foi o organizador deste original calendário, que publicamos abaixo, precedido das explicações cujo texto esclarece o uso do mesmo calendário.



QUADRO I

CALENDARIO JULIANO

até 4 de Outubro de 1582

—	—	00	100	200	300	400
500	600	700	800	900	1000	1100
1200	1300	1400	1500	—	—	—

01	07	—	18	24	29	35	—	46	B	A	G	F	E	D	C	52	57	63	—	74	80	85	91	—
02	08	13	19	—	30	36	41	47	C	B	A	G	F	E	D	—	58	64	69	75	—	86	92	97
03	—	14	20	25	31	—	42	48	D	C	B	A	G	F	E	53	59	—	70	76	81	87	—	98
04	09	15	—	26	32	37	43	—	E	D	C	B	A	G	F	54	60	65	71	—	82	88	93	99
—	10	16	21	27	—	38	44	49	F	E	D	C	B	A	G	55	—	66	72	77	83	—	94	100
05	11	—	22	28	33	39	—	50	G	F	E	D	C	B	A	56	61	67	—	78	84	89	95	—
06	12	17	23	—	34	40	45	51	A	G	F	E	D	C	B	—	62	68	73	79	—	90	96	—

QUADRO II

Anos comuns	Jan.	Maio	Ago.	Fev.	Jun.	Set.	Abr.
	Out.			Mar.	Jun.	Dez.	Jul.
A	1	2	3	4	5	6	7
B	2	3	4	5	6	7	1
C	3	4	5	6	7	1	2
D	4	5	6	7	1	2	3
E	5	6	7	1	2	3	4
F	6	7	1	2	3	4	5
G	7	1	2	3	4	5	6
Anos bissextos	Jan.	Maio	Ago.	Fev.	Jun.	Set.	Abr.
	Out.			Mar.	Jun.	Dez.	Jul.

CALENDARIO GREGORIANO

de 15 de Outubro de 1582 em diante

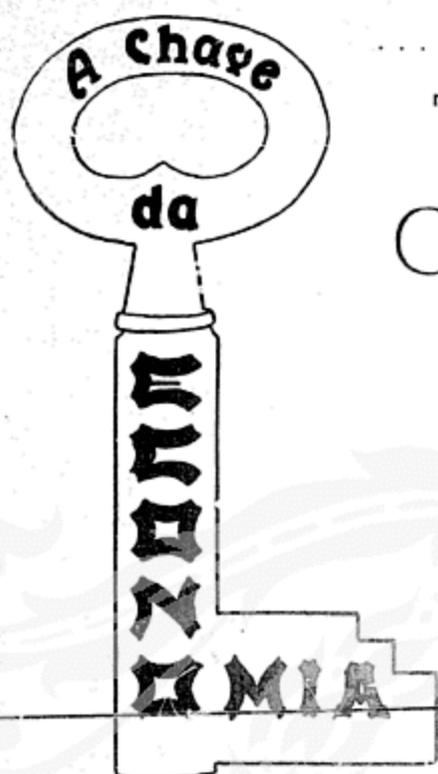
—	—	—	—	—	—	1500
1600	—	1700	—	1800	—	1900
2000	—	2100	—	2200	—	2300
2400	—	2500	—	2600	—	2700
2800	—	2900	—	3000	—	3100
3200	—	3300	—	3400	—	3500
3600	—	3700	—	3800	—	3900
4000	—	4100	—	4200	—	4300
4400	—	4500	—	4600	—	4700
4800	—	4900	—	5000	—	5100
5200	—	5300	—	5400	—	5500
5600	—	5700	—	5800	—	5900
6000	—	6100	—	6200	—	6300
6400	—	6500	—	6600	—	6700
6800	—	6900	—	7000	—	7100
7200	—	7300	—	7400	—	7500
7600	—	7700	—	7800	—	7900
8000	—	8100	—	8200	—	8300
8400	—	8500	—	8600	—	8700
8800	—	8900	—	9000	—	9100
9200	—	9300	—	9400	—	9500
9600	—	9700	—	9800	—	9900

QUADRO III

Dias dos meses	1	2	3	4	5	6	7
	8	9	10	11	12	13	14
	15	16	17	18	19	20	21
	22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	—	—	—	—	
1	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sext.	Sab.
2	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sab.	Dom.
3	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sab.	Dom.	Seg.
4	Qua.	Qui.	Sex.	Sab.	Dom.	Seg.	Ter.
5	Qui.	Sex.	Sab.	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.
6	Sex.	Sab.	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.
7	Sab.	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.

CALENDARIO

PERPETUO



... é comprar os mais lindos tecidos do mundo nas afamadas...

Casas Pernambucanas

Aprimorado sortimento de artigos para frio e para o verão.

Enfim, tecidos para todos os fins!

Preços fixos!

Centenas de filiais no País,

Desenas de filiais no Rio.

CASAS PERNAMBUCANAS.

Organização genuinamente Brasileira.

2.000, 2.400, etc., são bissextos; mas os anos 1.700, 1.800, 1.900, etc., são comuns.

IV—O Calendário juliano é computado até o dia 4 de outubro de 1582 e o Gregoriano de 15 de outubro de 1582 em diante. Os dias 5 a 14 de outubro não existiram, por terem sido suprimidos pelo papa Gregório XIII quando reformou o Calendário. Com esta supressão de 10 dias nenhuma alteração sofreram os dias da semana, sendo quinta-feira o dia 4 de outubro e sexta-feira o dia seguinte 15 de outubro daquele ano.

MODO DE USAR

Em que dia da semana caiu o dia 7 de setembro de 1822?

1) — No Quadro I, na intersecção da coluna do ano secular 1800 com a linha horizontal do número 22 (1800 -|- 22), encontra-se a letra C;

2) — No Quadro II, na intersecção da linha da letra C com a coluna do mês de setembro (parte superior por ser ano comum), encontra-se o número 1;

3) — No Quadro III, na intersecção da linha do número 1 com a coluna do dia 7, encontra-se o dia da semana *sábado*.

Logo, o Brasil tornou-se independente em um sábado.

O dia 15 de novembro de 1889 foi sexta-feira.

O dia 1 de janeiro do ano 1 foi sábado.

O dia 22 de abril de 1500 (1400 -|- 100), (ano bissexto), foi quarta-feira.

O dia 31 de dezembro do ano 10.000 (9900 -|- 100) será domingo.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

proletários, elementos que encarnam a vontade soberana do povo, — o que empresta singular importância a esta festa de confraternização continental." E depois de notar que na conchência do povo brasileiro já existia potencialmente o movimento que se concretizou na S. A. A., combateu o fascismo sob todas as suas formas, afirmou que o povo quer tomar parte na luta armada afim de que o Brasil participe com dignidade e altivez na solução dos problemas da paz, e assinalou afinal o caráter internacional da nova agremiação. "Mas, não é apenas o Brasil — acentuou o General Rabelo — que se encontra em

guerra contra o nazi-nipo-fascismo, neste lado do mundo. A S. A. A. será, por isso mesmo, em cada país do continente, mediante organização semelhantes a nossa, a incentividade do espírito anti-eixista, contribuindo assim para o completo extermínio dos inimigos da liberdade, da justiça da religião, da humanidade; que são estes de resto, os verdadeiros INIMIGOS DA AMÉRICA."

Mas do que todos os outros, foi o discurso do General Rabelo alvo das mais incessantes e calorosas ovações. A sua pessoa tornou-se mesmo objeto de uma apoteose especial, sugerida por um dos assistentes do comício e acompanhada por toda a multidão que enchia o Municipal: todos de pé aclamaram e palmearam entusiasmaticamente durante minutos o fundador e Presidente da S. A. A. Sentia-se no transbordante entusiasmo popular que todos vêem no General Rabelo um homem publico muito raro nos tempos atuais; um cidadão prestante que nesta hora amargurada por que o Brasil atravessa sabe defender a ordem sem ser nocivo ao progresso, não é sedicioso nem servil.

Ao encerrar-se a festa com a *Marselheza*, um popular gritou, e a multidão o acompanhou, vibrante e entusiasta — *Viva a França!*

Agora para concluir, estes versos que improvisamos como saudação a S. A. A. e em homenagem ao General Rabelo:

SOCIEDADE AMIGOS DA AMÉRICA

Ao General Manoel Rabelo

Embora sob o nome limitado
De gremio em prol da América sózinha,
O Novo Clube é impávido soldado
Da causa Liberal que o Elxo espezinha.

Do Novo Mundo as pátrias reunidas
Têm por fim defender a Liberdade,
Que é patrimônio das Nações Unidas,
Patrimônio comum da Humanidade.

Lutando pela América, se luta
Pela democracia verdadeira
Contra o Estado Total de qualquer nome.

E nessa ardua, nessa áspera disputa,
Cada Aliado o seu valor consome
Pela Paz, pelo Amor da Terra inteira.

OSCAR D ALVA

RIAN
FONE: 47.1144

VITORIA
FONE: 42.9020

SÃO-LUIZ
FONES: 25.7679-25.7459

CARIOCA
FONE: 28.8178

HOJE



Tyrone POWER
Joan FONTAINE

ISTO ACIMA DE TUDO

"THIS ABOVE ALL"
IMPROPRIO 10 ANOS

COMPLS. NACS.

O LIVRO DO DIA



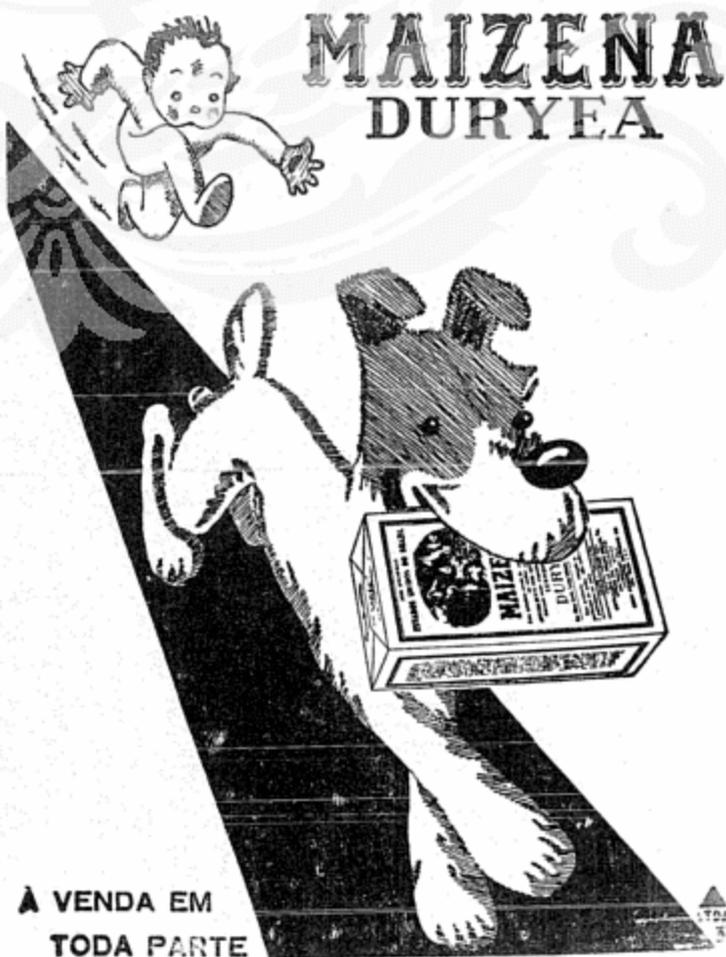
A B C para cantores e oradores — é a interessante obra que Hilda Sinex acaba de publicar e apresentar ao público e que, marcando um verdadeiro sucesso de livraria, muito recomenda o belo e culto espírito de sua autora.



A menina Lydia Dias, filha do casal Duarte Dias-dona Cinyra Dias.

A declaração do estado de belligerância estocou-nos na posição de combatentes. Em todos os campos de atividades nacionais encontra o brasileiro conciente oportunidades excelentes de bem servir à Pátria. Cumpra com o seu dever combatendo sem tréguas os inimigos do Brasil. (*Segundo Congresso de Brasilidade*).

MAIZENA DURYEA



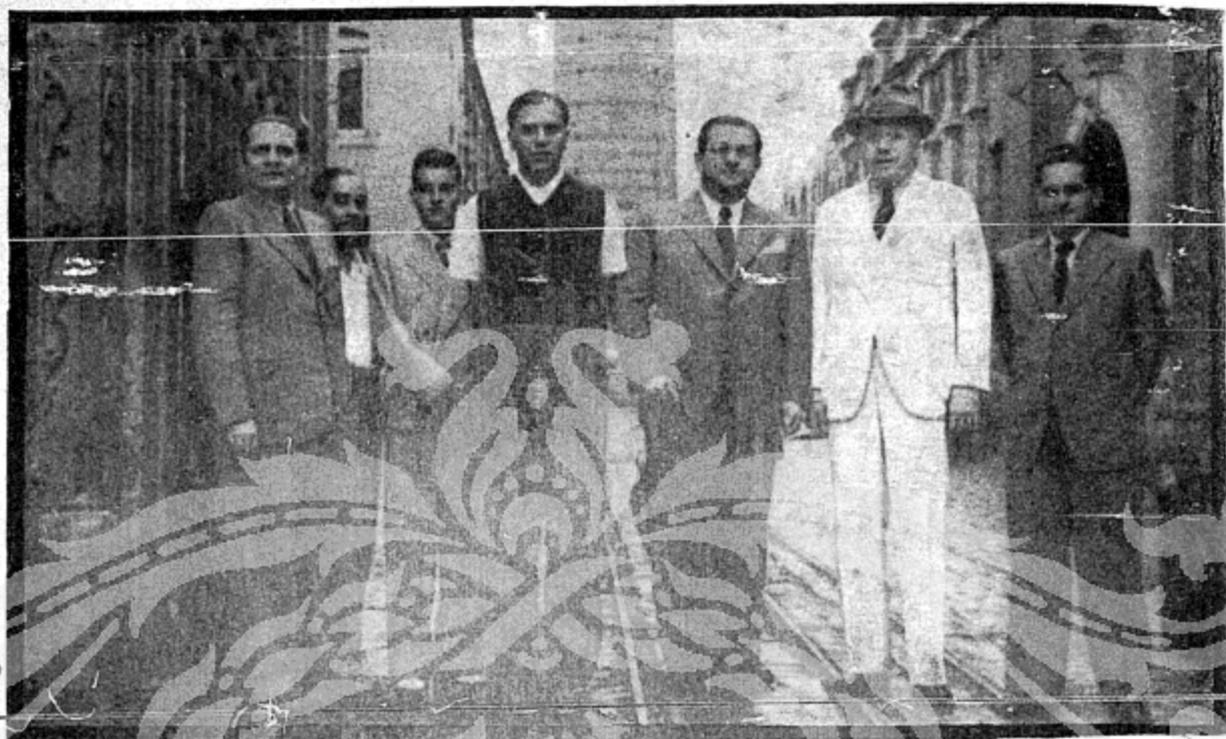
À VENDA EM TODA PARTE

ASPECTOS da magnífica tarde esportiva de domingo último, no Hipódromo da Gavea, centro obrigatório de diversão do "grand-monde" carioca, que ali sabe sempre harmonizar as emoções do elegantíssimo esporte com as demonstrações da mais requintada sociabilidade.



© JOCKEY CLUBE
Mundano

O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO EM VISITA À FÁBRICA BANGU



O coronel Jonas Correia, Secretário Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, acompanhado de seu filho, cadete Jonas Correia Neto; do diretor do Departamento de Educação Técnico Profissional, dr. Djalma Cavalcanti, e do diretor da Escola Técnica «Santa Cruz», professor Martins Capistrano, visitou, há dias, a Fábrica

de Tecidos Bangú, onde foi alvo de expressivas homenagens por parte dos diretores da Companhia Progresso Industrial do Brasil, ali presentes, drs. Guilherme da Silveira e Guilherme da Silveira Filho, que mostraram àquela alta autoridade do ensino todas as dependências do grande estabelecimento industrial de Bangú.

Depois de finíssimo e lauto almoço na majestosa vivenda do diretor-superintendente da Companhia Progresso Industrial do Brasil, onde ressaltou a fidalguia pessoal da Exma. Senhora Dr. Guilherme da Silveira Filho, o coronel Jonas Correia e sua comitiva visitaram o magnífico terreno oferecido, pelo dr. Guilherme da Silveira, à Prefeitura do Distrito Federal, para nele ser construído o novo edifício da Escola «Santa Cruz», cuja transferência para Bangú já foi devidamente autorizada pelo benemérito Prefeito Dr. Henrique Dodswoth.

Nesta fotografia, tomada por ocasião da visita, vemos, da esquerda para a direita: professor Martins Capistrano, dr. Antonio Guedes Valente, diretor do Departamento Territorial da C. P. I. B.; Jonas Correia Neto, dr. Guilherme da Silveira Filho, coronel Jonas Correia, dr. Guilherme da Silveira, dr. Djalma Cavalcanti.



CURSO BRILHANTE

A senhorita Maria Antonietta Bayma, filha do casal Cunha Bayma-d. Maria Augusta Bayme, foi a oradora da turma de contadores de 1942 do Instituto La Fayette, onde fez um brilhante curso, que culminou com a expressiva homenagem de todos os seus colegas escolhendo-a para falar em seu nome, na festa de formatura. Do discurso que então proferiu, sob aplausos, a jovem contadoranda, destacamos o seguinte trecho, cuja substância faz sobressair, com sugestivos relevos, a sua alta inteligência:

«A solenidade que ora se realiza tem o cenário mais ou menos com os mesmos relevos dos anos anteriores. E o compasso de suas fases tem o ritmo semelhante a que obedeceram as festas dos anos passados.

«Há, entretanto, uma diferença profunda, por trás, ou mesmo por dentro dessa semelhança. Essa diferença está na vibração mais acelerada que agita, hoje, o coração de cada um. Está no ar que penetra em todos os pulmões, ainda com a poeira dos aeródromos que se multiplicaram. Está no éter que enche todos os espaços atravessados pelo milagre do rádio e da telegrafia, agora muito mais intensificado.

«Aparece no céu que nos cobre, clareado, de quando em quando, pela faixa dos holofotes que espanam as nuvens e varrem o mar.

«Nota-se no silêncio das ruas, produzido pelos motores que pararam. Vem das matas que alimentam os gasogênios, cu das usinas que enchem, agora, a atmosfera da cidade com o cheiro novo do álcool-motor.

«E' a diferença da Pátria em guerra!»

Senhorita Alice Aguiar, que se casou com
o sr. Angelo de Lima.

Visitas



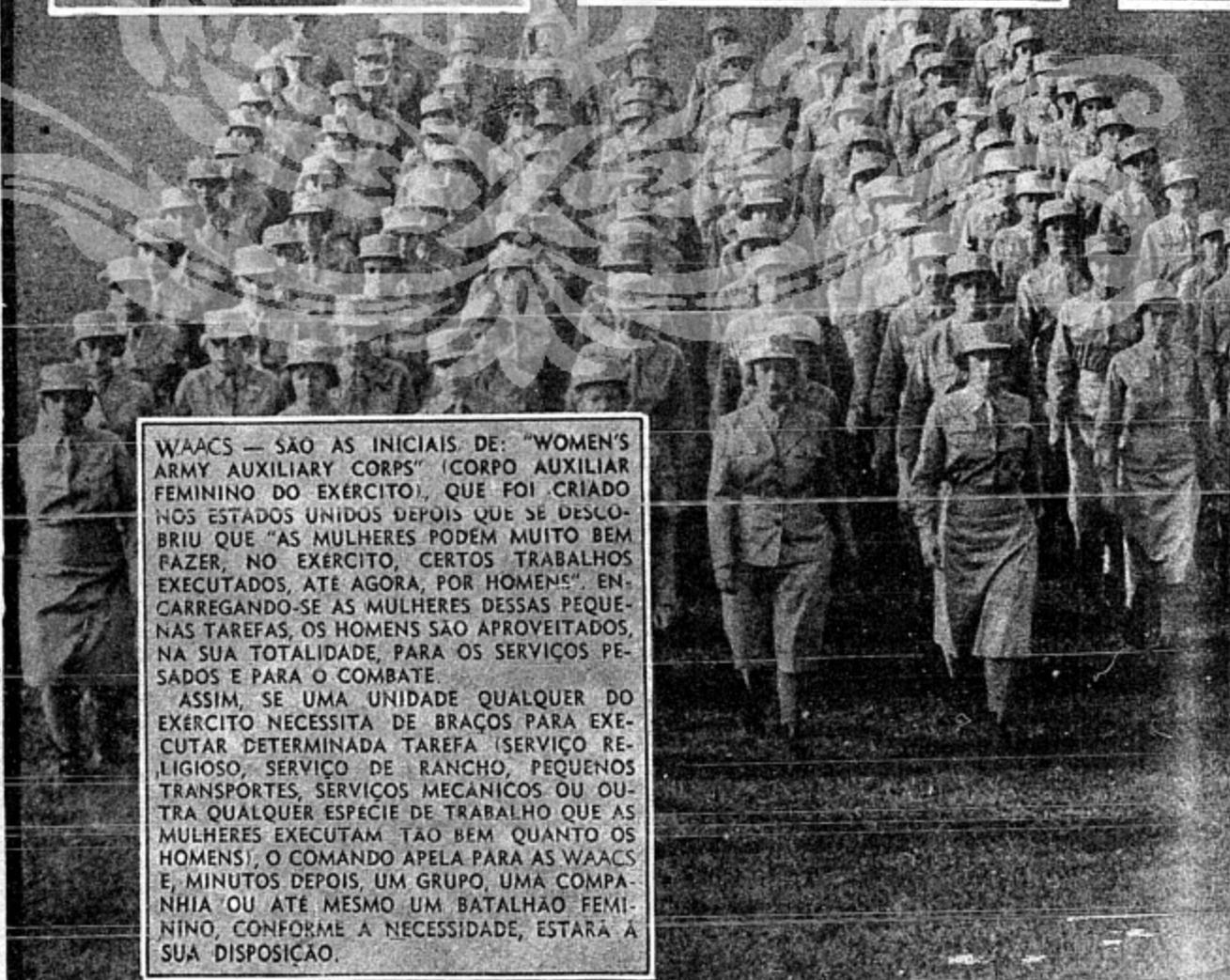
Senhorita Nírcia Castilho, no dia de seu
enlace com o tenente Nelson Fernandes.

Senhorita Maria Lucia Franco Gomes,
que contraiu nupcias com o dr. José
Brasil.



WAACS

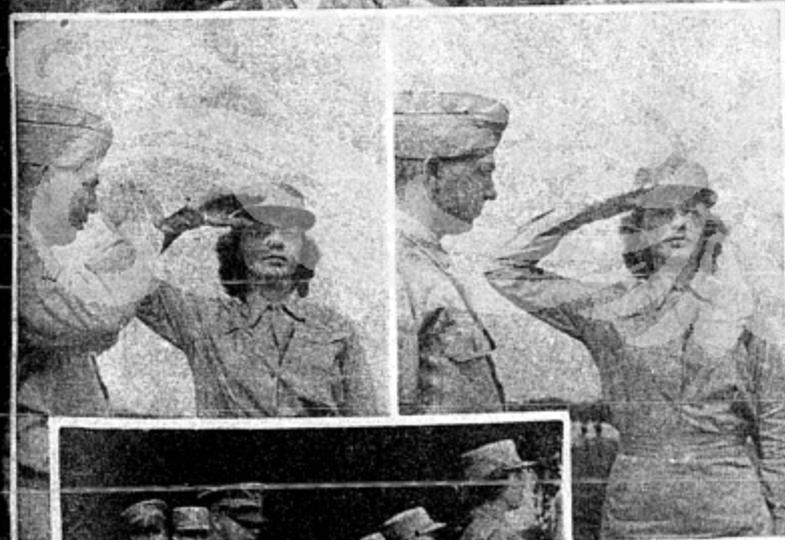
Corpo Auxiliar Feminino do Exército

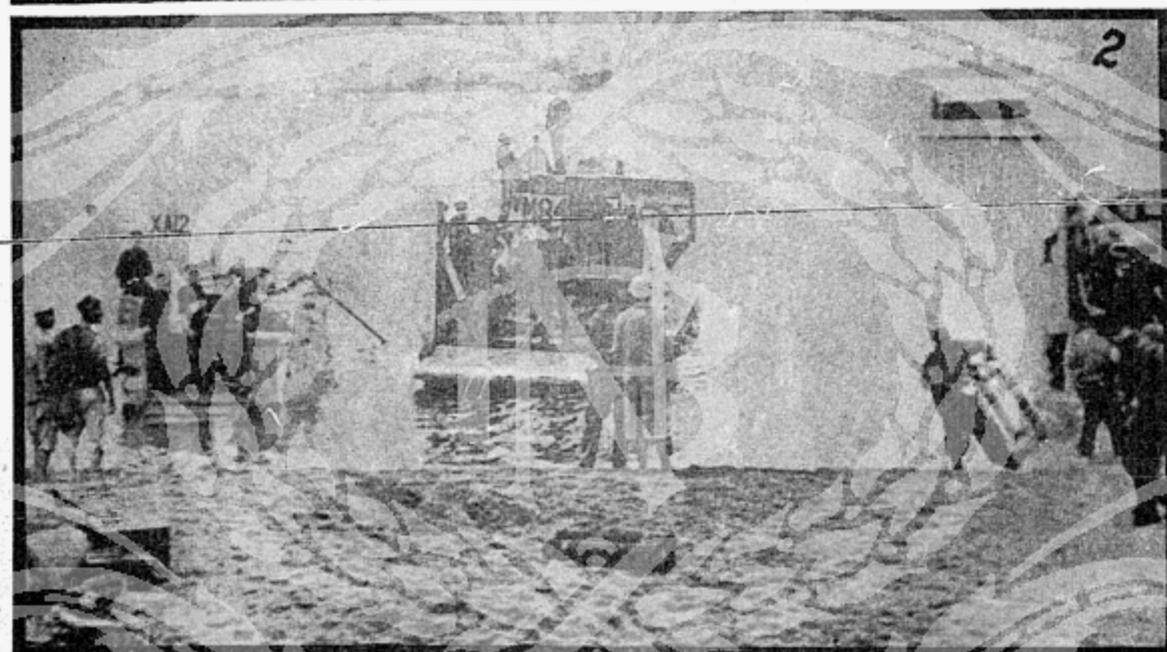


WAACS — SÃO AS INICIAIS DE: "WOMEN'S ARMY AUXILIARY CORPS" (CORPO AUXILIAR FEMININO DO EXÉRCITO), QUE FOI CRIADO NOS ESTADOS UNIDOS DEPOIS QUE SE DESCOBRIU QUE "AS MULHERES PODEM MUITO BEM FAZER, NO EXÉRCITO, CERTOS TRABALHOS EXECUTADOS, ATÉ AGORA, POR HOMENS". EN-CARREGANDO-SE AS MULHERES DESSAS PEQUENAS TAREFAS, OS HOMENS SÃO APROVEITADOS, NA SUA TOTALIDADE, PARA OS SERVIÇOS PESADOS E PARA O COMBATE.

ASSIM, SE UMA UNIDADE QUALQUER DO EXÉRCITO NECESSITA DE BRAÇOS PARA EXECUTAR DETERMINADA TAREFA (SERVIÇO RELIGIOSO, SERVIÇO DE RANCHO, PEQUENOS TRANSPORTES, SERVIÇOS MECÂNICOS OU OUTRA QUALQUER ESPÉCIE DE TRABALHO QUE AS MULHERES EXECUTAM TÃO BEM QUANTO OS HOMENS), O COMANDO APELA PARA AS WAACS E, MINUTOS DEPOIS, UM GRUPO, UMA COMPANHIA OU ATÉ MESMO UM BATALHÃO FEMININO, CONFORME A NECESSIDADE, ESTARÁ À SUA DISPOSIÇÃO.

- 1) TODAS AS VACINAS DADAS AOS SOLDADOS (CONTRA TIFO, TETANO, VARIOLA, ETC.), SÃO TAMBÉM APLICADAS AS WAACS.
- 2) O EXERCÍCIO, DIÁRIO, VISA A FLEXIBILIDADE E A RESISTÊNCIA FÍSICA.
- 3) UM DOS ITENS DO REGULAMENTO, QUE ALIÁS É SEVERÍSSIMO, DETERMINA QUE O COMPRIMENTO DO CABELO SEJA DE 2 POLEGADAS ACIMA DA GOLA. POR ISSO MESMO ESTA VOLUNTÁRIA, ANTES DE MAIS NADA, TEVE QUE SACRIFICAR UM POUCO SUA BELA CABELEIRA...
- 4) UM SARGENTO INSTRUCTOR ENSINA UMA RECRUTA A FAZER CONTINÊNCIA NA PRIMEIRA FOTOGRAFIA, VEMO-LA MUITO BISONHA AINDA; NA SEGUNDA, O GESTO JÁ ESTÁ INTEIRAMENTE MARCIAL, IMPÉCÁVEL.
- 5) QUANDO UMA FORMATURA É PASSADA EM REVISTA, O OFICIAL INSPECIONA ATENTAMENTE O COMPRIMENTO DO CABELO E A COSTURA DAS MEIAS, QUE DEVE ESTAR RIGOROSAMENTE RETA.
- 6) CONDUZIR AUTOMÓVEIS E PEQUENOS VEÍCULOS MOTORIZADOS É UMA DAS TAREFAS EXECUTADAS DE BOM GRADO PELAS MULHERES, POIS QUASI TODAS SÃO ÓTIMAS "CHAUFFEUSES".





1) As tropas dos Estados Unidos desembarcaram na África do Norte poderosamente equipadas.

2) Depois de desembarcados os soldados, realiza-se a descarga das munições empregadas com sucesso no ataque a Dieppe.

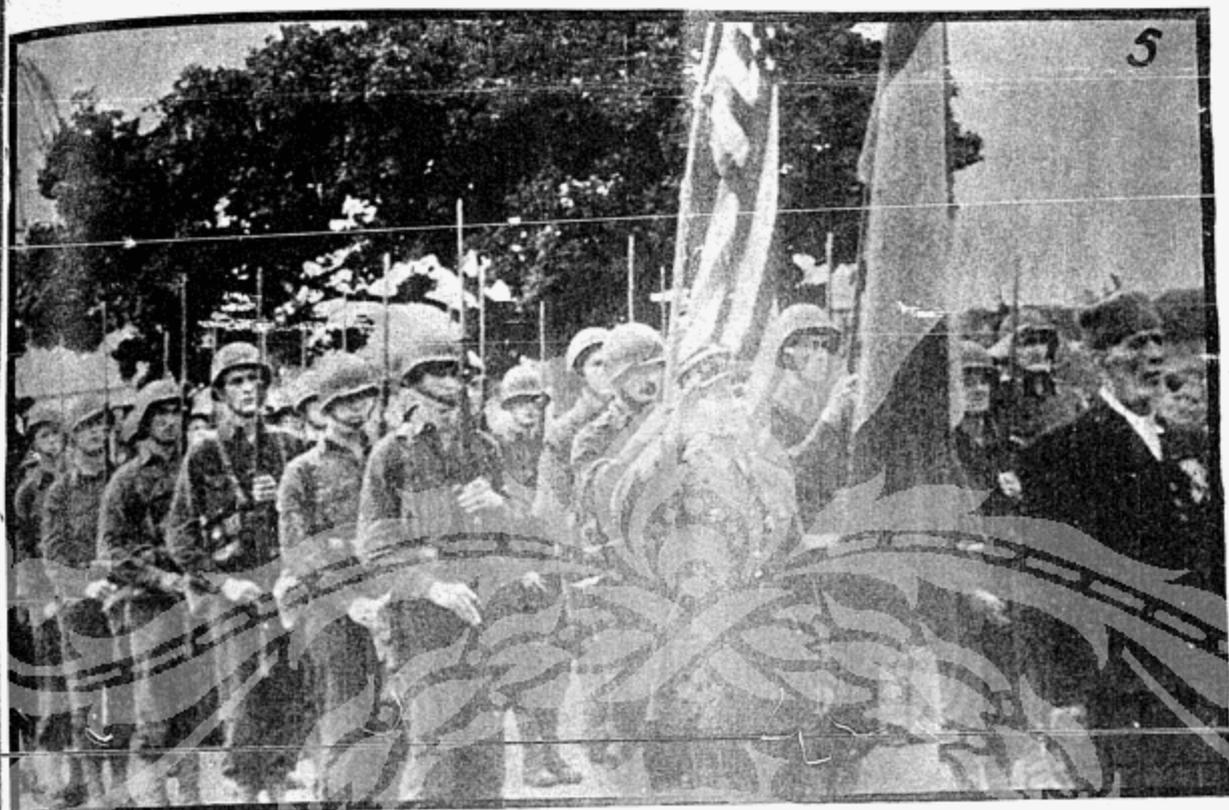
3) Sorridentes os norte-americanos avançam ao longo do cais para tomar posição.

4) Rumo á Tunisia, estes soldados recebem lubrificantes de reserva para o respectivo tanque.

5) Soldados dos Estados Unidos, pouco depois de ocupar a cidade de Oram, rendem homenagem aos mortos franceses da Grande Guerra, diante do monumento ao soldado desconhecido. Vêm-se, lado a lado, as bandeiras dos Estados Unidos e da França.

(Fotos da Inter-Americana)





O DESEMBARQUE DAS TROPAS NORTE-AMERICANAS NA AFRICA



Quando as primeiras lâmpadas se acendem,
Doiradas, como frutos que amadurecem,
Os jardins da cidade se transformam
Em cenários alegóricos,
Para o romance dos amores humildes...
É, então, que as fontes luminosas,
Improvisando fogos de artifício,
Sacodem para o ar pedaços de arco-iris...
Desfraldam bandeiras de terras estranhas...
E dentro da noite, coroada de estrelas,
Há um bando de "girls", de véus multicores,
Num palco de flores,
Bailando na relva...

A água inquieta agita leques imprevisos
De plumagens bizarras...
E canta no repouso,
Colorido e sonoro,
Como um viveiro de pássaros...

Verde... rosa... amarela... azúlea... transpa-
[rente...

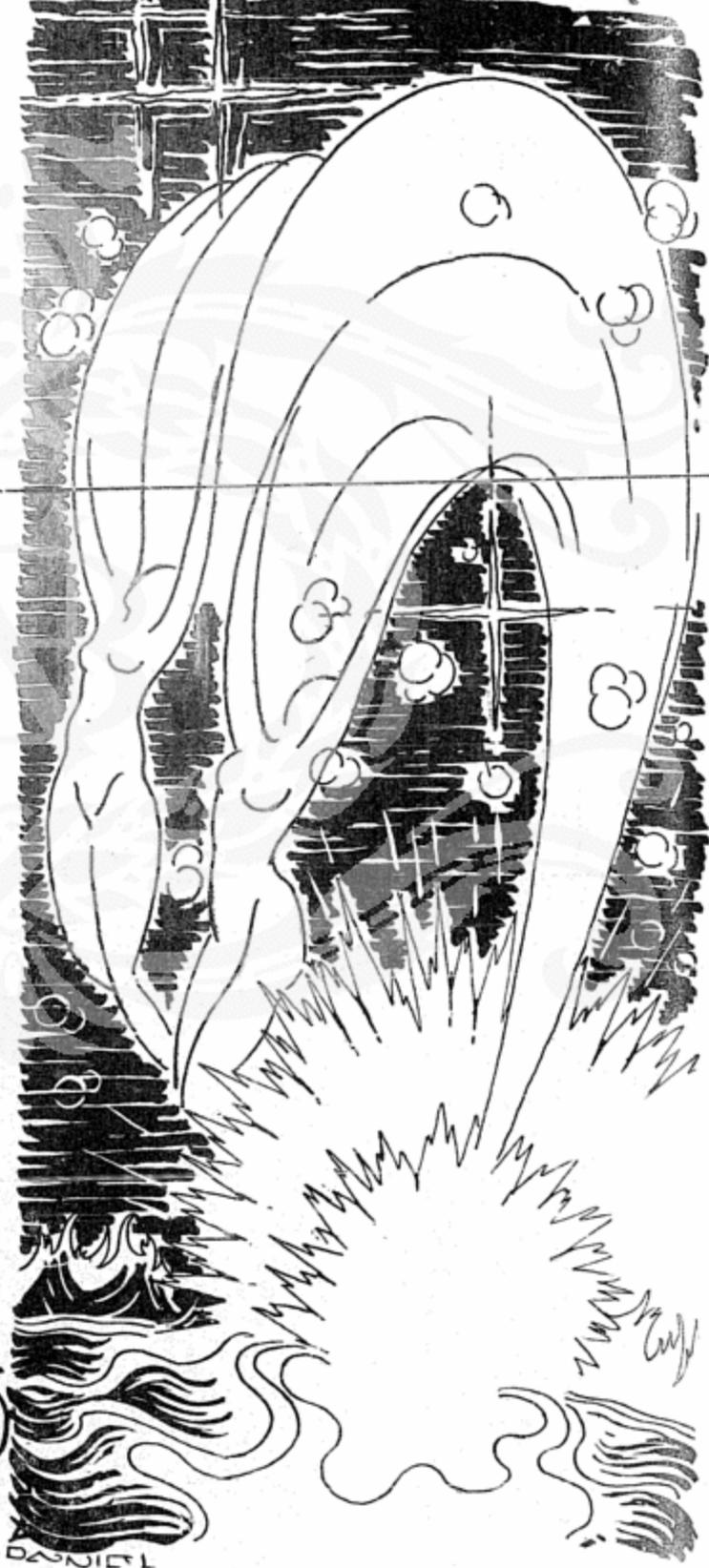
Mas, de repente,
Num recanto florido,
Um beijo assusta o ambiente,
Com o leve estalo de um cristal partido...

E á face d'água o escândalo se espelha:
Ouvindo aquela música de amor,
A fonte, num assomo de pudor,
Fica toda vermelha...

(Ilustração de Daniel)

RAUL
MACHADO

FONTES LUMINOSAS



Isto acima de tudo

HOJE em dia, mais que qualquer outro e, mesmo, dominando todos os demais, há um tema que preocupa a humanidade; — a guerra. De tal maneira se apossou do mundo o espírito desta guerra que movimenta os cinco continentes, que se tem a impressão de não haver um só dos nossos atos, um só mesmo de nossos gestos, que não tenha uma relação qualquer com o momento que atravessamos. Tudo, nesta situação, depende de um modo ou de outro, da... guerra. A fase que atravessamos empolga o universo todo, material e fisicamente, como moral, cívica e sentimentalmente. Nada lhe escapa. Viremo-nos para qualquer lado, olhemos em qualquer direção, há sempre uma relação entre o que vemos e ouvimos e a guerra; entre o que pensamos e sentimos, e a guerra... Nem o amor escapou ao imã geral que tudo atrai para o tema. E' que tanto o homem como a mulher têm suas obrigações a cumprir, e essas obrigações estão acima do próprio sentimento de atração que ue dois indivíduos.



nas chocantes de encontros mavoréticos, que só seu espírito aprende. Um romance de amor, de uma moça e um rapaz, e onde apenas o encontro de uns lábios parece possuir realidade, em meio de um mundo em convulsão... E a grande produtora nos dá, com esse romance, o trabalho maravilhoso de um par de artistas queridos — Tyrone Power e Joan Fontaine. Tyrone, cuja falta já sentiamos, e Joan Fontaine, a laureada com o último prêmio da Academia de Cinema, estão aí, em "Isto acima de tudo", que o São Luiz, o Capitólio e o Carioca já estão exibindo desde ontem. Uma obra encantadora, em que há ainda o concurso de Thomas Mitchel, Henry Stephenson e Gladys Cooper, sob a direção de Anatole Litvak.

Por isso mesmo, o cinema também se deixou empolgar pelo tema. Uma cousa, porém, é narrar a própria guerra, e outra estudar-lhe as consequências no meio atual; muito mais fácil será pintar na tela o que foi a retirada de Dunquerque, do que descrever um romance sentimental, em que predomine o idílico, mas onde o espírito do momento fique impresso constantemente.

Coube à Fox-Film fazer um desses filmes, um romance de amor, que empolga e seduz, tanto mais quanto há nele o espírito do momento — a guerra, com todos os seus perigos, com toda a sedução dos que querem sacrificar-se pela Pátria, com todas as suas consequências — sem que o olhar do espectador seja ferido por ce-



"AVENTURAS de SHERLOCK HOLMES" na NOVA PRE-3



Alziro Zarur, ao microfone da PRE-3, vivendo a figura fleumática de Sherlock. À esquerda, Flávio Heleno, "speaker"-chefe da estação da Cinelandia; á direita, Alexandre Maia, orientando a contra-regra.

SHERLOCK HOLMES resolveu fazer uma temporada na Cinelandia... E os fans já ouviram cinco aventuras do rei dos detetives: "A Liga dos Ruivos" — "O Caso da Solteirona Milionária" — "Aconteceu no Mar Negro" — "O Mistério da Faixa Malhada" — "A Caixa Sinistra". Cinco empolgantes episódios da obra imortal de Conan Doyle, o maior escritor policial do mundo, em radifonizações de Zarur e Heloisa Lenz de Almeida.



Tereza Costa e Gastão André, interpretando uma cena comovente da peça "Aconteceu no Mar Negro".

Iole Amato e Zoni Filho, numa das cenas de "A Liga dos Ruivos", uma das mais curiosas narrativas de Mister Watson...

EDGAR FREITAS

A Rádio Educadora em Ondas Curtas

ENTRE as emissoras do Rio, a Rádio Educadora do Brasil, PRB-7, goza de um prestígio e de um conceito que lhe são conferidos pela sua brilhante atuação, em prol da educação do nosso povo e de todas as iniciativas que visem o progresso do país. Sendo uma das mais antigas estações de Rádio do Brasil, e, ainda mais, com a responsabilidade de seu nome — que vale por um lema — era explicável que a emissora dos irmãos Sá Freire se tivesse imposto, desde logo, à admiração, ao respeito e às simpatias de todos os rádio-ouvintes do território nacional. Mas, tudo isso, mau grado os seus esforços, era realizado, com persistência e patriotismo, dentro das normas e das possibilidades daquilo que, no "broadcasting" carioca, se convencionou chamar de — "pequenas emissoras."

Haverá nisso um desdouro? Não, certamente! Mas, esse qualificativo vinha pôr o ingente trabalho, não só dos seus diretores, como dos seus esforçados auxiliares, num plano secundário — muito embora esse trabalho tenha sido, até aqui, do mais elevado alcance moral, educativo e cultural.

Diante, porém, da conquista que a Rádio Educadora acaba de obter, já se não pode mais, pelo menos, classificá-la de — "pequena emissora". E isso por que? —

perguntamos. Porque conseguiu deter o privilégio de operar em ondas curtas e médias — devendo passar, dentro em breve, para o rol das estações internacionais. Convenhamos em que o avanço é formidável! A execução técnica desse trabalho está confiada a uma organização de grande vulto, com sede em Buenos Aires.

O novo transmissor da Educadora deverá ser instalado em Bonsucesso e, após os indispensáveis "tests", entrará em pleno funcionamento. Tudo isso não irá além de três a quatro meses.

As instalações serão feitas de modo que os programas possam ser irradiados, conjuntamente, em ondas médias e curtas, ou em separado.

E' justo assinalar ainda que, em virtude da excelência do seu cast atual e dos seus programas atinentes, a Educadora vem correspondendo, de modo satisfatório, à expectativa da massa dos seus ouvintes. E' claro que as preferências do público, em face da remodelação que a PRB-7 conta pôr em prática, terão, logicamente, que se acentuar.

Com esse melhoramento, podemos, portanto, assegurar que a futura estação da Rádio Educadora poderá, brevemente, rivalizar com as mais possantes emissoras da América do Sul, tornando-se, deste modo, uma "grande emissora."



Haydée Brasil, a voz de inflexões cativantes, é um nome que se profeta, com relêvo, no cast selecionado e brilhante da simpática emissora dos irmãos Sá Freire. Soprano de mérito indiscutível, faz jus aos aplausos que lhe testemunham os ouvintes da PRB-7, onde a festejada artista aparece todas as terças e quintas-feiras.



Mauro de Oliveira, às quartas-feiras, está cantando, com sucesso, belas canções mexicanas, na Rádio Educadora do Brasil. E esse êxito se justifica, plenamente, de vez que o aplaudido artista é um cantor, no gênero, que se destaca em nossos meios radiofônicos.

Mário Castelo Neto, cuja voz lhe tem dado os aplausos merecidos de um grande número de fans, atua, presentemente, às sextas-feiras, na Rádio Educadora do Brasil. Mário Castelo, como se sabe, é cantor apreciado de valsas, foxes e sambas.



LUIS ROLDAN NA PRA-9

DE quando em quando, a Rádio Mayrink Veiga oferece ao seu incontável número de fãs um cartaz internacional. Foi o caso de Jean Sablon, Tito Guizar, Chucho Martinez Gil, e tantos outros de que não nos lembramos, no momento.

Agora, chegou a vez de Luis Roldan, outro grande "astro" da canção mexicana. Não poderia ter sido mais feliz a pres-



internacional legítimo, dos mais credenciados.

E a Mayrink prova, mais uma vez, que não descansa...

SCYLLA GUSMÃO

tigiosa emissora de Edmar Machado. Luis Roldan conta com legiões de fãs em todo o território brasileiro!

Os fãs da PRA-9, podem, assim, tornar a ouvir um cartaz



PRMI

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR

Minha opinião

AS ONDAS CURTAS DA PRE-8

ESTÃO de parabéns todos os ouvintes do Brasil! Está em festa o Rádio brasileiro! A obra gigantesca da Nacional — orientada pela clarividência de Gilberto de Andrade — foi completada com brilho inacreditável. Agora, após a inauguração das suas ondas curtas, a grande emissora é, realmente, a voz do Brasil para o mundo. Honra a nossa Pátria e honra o nosso Povo!

VOLTA AO PASSADO

NA última sexta-feira, ao apresentar a rádio-peça policial "O Mistério da Faixa Malhada", ao microfone da PRE-3, eu tive o prazer de dizer o seguinte:

"O espetáculo desta noite é uma volta ao passado. No dia 26 de maio de 1938, no veterano "Programa Casa", através da PRA-9, foi inaugurado o Rádio Policial entre nós, por iniciativa deste velho espadachim das boas causas radiofônicas. O assunto era novidade no Rádio, e pegou. Agradou em cheio, graças a Deus. Foi assim que os amigos-fans tomaram conhecimento da personagem universal de Conan Doyle. Esse prodigioso Sherlock Holmes que eu viro ao microfone, há quase cinco anos... Pois bem: o episódio de hoje — "O Mistério da Faixa Malhada" — foi um dos que mais agradaram ao grande público ouvinte. Há-de constituir, por isso mesmo, deliciosa evocação daqueles tempos, em que Heloisa Lentz de Almeida escrevia peças policiais, sempre com o apoio deste sincero fan de Conan Doyle..."

E foi mesmo. O que é do homem os bichos não comem.

NOVELAS SERIADAS

A propósito da "Novela Policial" — velha idéia que pretendo, finalmente, realizar — devo reafirmar o meu ponto de vista, que talvez mereça o apoio dos laboriosos diretores de ciclos radiatrais.

Sim, estão na moda as novelas seriadas. As grandes estações disputam a preferência do público, oferecendo-lhe emoções em episódios. Visam todas o gosto popular, e é sob esse prisma que devem ser analisadas pela crítica. Mesmo porque a "elite social" não ficaria em casa, jámais, para acompanhar as novelas radiofônicas: os cassinos, os teatros, os cinemas, as festas, as recepções — e outras coisas de alta importância — não permitem, positivamente, o sacrifício... Visto isso, é fácil compreender o sentido popular das referidas novelas. Já o que não é muito fácil compreender é o "esticamento" desastroso de várias obras do gênero. Erro imperdoável. "Pouco, mas bom" — eis o segredo dos grandes sucessos. E' preciso, ás vezes, contrariar o público... Justamente para não o contrariar, mais tarde, com a moleza do enredo e a monotonia das repetições infinitas...

Ai está por que sou partidário de novelas policiais: curtas, encadeadas com lógica e variedade cem por cento.

E, antes que me esqueça, deixo aqui os meus parabéns a Oduvaldo Viana, que sabe, negavelmente, escrever para Rádio e conhece, como poucos, o segredo da novela ideal. Que o digam os ouvintes que ouviram "Maldição", através da PRE-8, essa notabilíssima PRE-8, cada vez maior e cada vez melhor.



Dr. Gilberto de Andrade, diretor da PRE-8, Rádio Nacional

A. Z.

Passatempo «Microfone»

POEMETOS PUBLICADOS

- 1 — «DONA VIDA»...
- 2 — «IRONIA CÓSMICA».
- 3 — «OLHOS SECOS».
- 4 — «HISTÓRIA REAL».
- 5 — «GIGANTE DE PÉ».
- 6 — «COPACABANA».
- 7 — «DINHEIRO».
- 8 — «LEVIANA».
- 9 — «GUERRA».
- 10 — «CANÇÃO DO SÉCULO».
- 11 — «S. O. S.».
- 12 — «CULTURA».
- 13 — «CONFIDENCIA DE UM BOÊMIO».
- 14 — «O ESPANADOR».
- 15 — «DEUS».
- 16 — «ATLETA EM AGONIA».
- 17 — «SOLILÓQUIO DE UM SARCISTA».
- 18 — «POETA...»
- 19 — «NATAL».
- 20 — «INTEGRAÇÃO».
- 21 — «REFLEXÕES DE UM AMOROSO».

BILHETE DE UM SUICIDA

*"Não, homens brancos, não! Mil vezes — não!
O suicida jámais foi um covarde!
Da covardia-mór fazeis alarde:
A covardia da condenação..."*

*"Quando, no desespero, a alma é um vulcão,
E há um socorro humilhante que vem tarde;
Quando arde o sangue, e quando o cérebro arde,
Na apoplexia da alucinação;*

*"Entre uma altaneria vingadora
E uma resignação humilhadora*

— Nessa hora-decisão, nessa hora insana!—

*"Só um carater de ferro estoura o craneo
E lança, com a altivez do ato espontaneo,
O seu desprezo à sociedade humana!..."*

ZARUR

«Pose» de fachada...

NUNCA acreditei muito no valor desse pessoal que vive sempre a estudar inúmeras atitudes. Sempre fui de opinião que, quando a gente não é aviador, não deve afirmar que o é, nem mesmo onde não há avião: tudo é possível no mundo, resultando daí que poderá aparecer alguém para pedir demonstração de habilidade. E a «sinuca» não será apenas de um bico: será de dois...

Lí, certa vez, uma frase de André Maurois, muito expressiva: «é fácil ser admirável quando se permanece inacessível». E, se não me falha a memória, o romancista americano Anthony Armstrong escreveu, certa vez, no «New York Times», estas palavras simples, que encerram uma grande verdade: «Modesty is a personal quality of truth's heroes. (A modéstia é qualidade própria dos heróis de verdade)». A propósito de que estou fazendo este «relambório»? Explica-se: é que no «broadcasting» carioca há muita gente que está necessitada de que estas carapuças lhe sejam endereçadas. Mocinhas e rapazinhos que andam muito orgulhosos dos adjetivos com que certos locutores os anunciam, e já estão ficando convencidos de que possuem cultura muito elevada. Alguns cronistas disseram que a cantora fulana é um gênio, arranjaram-lhe uma fama inédita, afirmaram

DE ENÉAS VIANY

que a «estrela» dos sambas de bré-que gosta de ler as obras de Cronin, de Daphne De Maurier e de não sei quem mais. Ela, que nunca ouviu nem falar nisso, pensa que é mesmo. E agora estuda atitudes para enganar os «patos»... Eu é que não «viajo neste bonde», como diz a «turma» lá no Recife. Sei perfeitamente que a presunção da «rainha» desse ou daquele gênero é simplesmente a de quem quer permanecer inacessível afim de ser admirável; sei que a campeã dos adjetivos da X. P. T. O. diz que não tem tempo para conceder-me uma entrevista e me pede que opine por ela sobre as realizações radiofônicas do ano que se passou, simplesmente porque ela não saberá o que dizer, quando eu iniciar o meu interrogatório; que a «conhecida intérprete X» estuda uns ares de princesa e me diz, com a mesma «dignidade» com que o faria às suas «colegas» do século passado, que volte no dia seguinte ou fale com fulano... Ignora que o repórter sabe, muito bem, que tudo aquilo não passa de «pose» de fachada. E' o mesmo que

um cenário teatral suntuoso pela frente mas com os sarrafos a sustentá-lo pelo lado oposto e que o público não vê. Conheço algumas dessas pequenas «inteligentes e cultas», no dizer de certos colegas, que enviam cartas às revistas com pedidos de publicação, nas quais há uma porção de palavras que não podem ser publicadas. Não tenho nada com isso, é claro. Se estou reclamando contra essas coisas é porque acho que é melhor ser franco. Confesse logo que não sabe e pronto! Não quero dizer com isso que esse pessoal deva ser posto para fóra do Rádio. Há público para tudo no Brasil. Boa vontade aqui «é matez!» O que eu quero dizer é que «aquela artista», com toda a sua presunção, perdeu o tempo e o latim pensando que eu não sei ler o livro «diretinho». Gosto muito das pessoas francas, as que não se iludem com os elogios de ocasião. A sambista que me disse certa vez que «não sabia nem o que era isso», quando eu lhe perguntei por que o público brasileiro prefere o teatro-«chanchada», merece maior consideração. Pelo menos, não procurou parecer o que não é. «Pose» de fachada é o que não está faltando aí por essas «peerres». O Djalma Maciel estava com a razão, quando afirmou que a presunção assumiu a ofensiva...

João Neves da Fontoura na PRE-8

De GOMES FILHO

COM a entrada do grande tribuna João Neves da Fontoura para a Rádio Nacional, uma pergunta está ballando no ar: teremos, a partir de agora, discursos pelo microfone?

A respeito deste tema "Os tipos de fala", o professor Henry Lee Smith Junior fez um estudo radiofônico muito interessante. E concluiu (observando principalmente o tempo do "broadcasting" norte-americano) que um "discursor" não tem mais cabimento no Rádio!

Estará certo, ou, melhor, inteiramente com a razão o referido professor?

Os ouvintes já estão preferindo, há muito tempo, os "programas falados" e não os puramente "musicais". Prova-se, assim, o prestígio da palavra em curso pelo microfone.

Não resta dúvida de que o Rádio, mais do que a tribuna parlamentar ou a de praça pública, exige três

coisinhas importantes: naturalidade, sinceridade e brevidade.

Quem fala no Rádio tem que dizer as coisas mais profundas deste mundo na forma mais simples, incisivamente e naturalmente, como que conversando com um interlocutor íntimo.

Os discursadores trombonudos, que usam mais frases do que idéias, por certo não encontram o seu lugar de eleição nos estúdios radiofônicos.

Até porque a velha oratória matreira das obstruções já caiu de moda! A massa quer sentir agora a sinceridade dos seus líderes intelectuais.

E o microfone é um termômetro da sinceridade. João Neves da Fontoura, com o seu talento fulgurante e a sua notável cultura, já sabe, por certo, quais os "tipos de fala" que deve pôr em prática junto dos microfones da PRE-8.

Maria Célia, o Radiatro Cômico e o Bisturi do Dr. Castro Araujo

Por SERGIO PEIXOTO

OS que só conhecem o Radiatro por fóra não podem fazer uma idéia da trabalhadeira que dá a simples adaptação de uma peça teatral para o microfone. Não exagerariamos se afirmássemos, á fé do nosso gráu de observador honorário das atividades radiatrais, que é mais trabalho adaptar que escrever para o Rádio. E' que o escritor cria. Imagina uma história a seu bel-prazer ou inspirada em trabalho alheio. Convoca as personagens com os aspectos e roupagens que bem entende. Alinha tudo e comanda, sem dar satisfações a ninguém. Com o material que ele mesmo preparou no seu laboratório privado, facil se torna fazer uma rádio-peça. O adaptador, não. O enredo, as personagens, as situações, o ambiente, os aspectos, tudo, enfim, é do "outro". Ele, o adaptador, não pôde jogar tais elementos á sua vontade. Não pode criar nada dentro da história que o "outro" gerou. E', ao contrario do autor, um "pai" que tem de criar os filhos alheios, respeitandoo as virtudes e defeitos, as graças e aleijões herdados do pai legítimo... E' por isso que temos grande admiração pelos nossos bons adaptadores e sempre lhes fizemos justiça.

O osso mais duro num trabalho de adaptação é a condensação. Resumir uma peça teatral, feita para duas ou três horas de função, numa levíssima rádio-peça de 45 minutos, é um "tour de force" digno de uma corôa de louros ou de uma herma no Passeio Público. Mas reduzir sem "subtrair". Cortar sem mutilar. Tirar o que é demastado sem estragar a essência da obra. Adaptar desse jeito é fazer um trabalho de cirurgia plástica sem deixar vestígios. Não basta meter o bisturi. E' preciso cortar a excrescência e cozer sem aleijar o paciente. E' preciso sa-

ber ligar as cenas. Fundar sobre duas ou três situações retalhadas uma nova situação tão sutilmente unida que o olho leigo não possa distinguir a cicatriz nem os pontos de sêda. Operar sem matar o doente... Resumir sem "matar" a peça...

Entre os adaptadores, tidos como excelentes "cirurgiões", aqui temos Plácido Ferreira, que soube fazer da "Gloconda", de três horas, uma nova "Glocondazinha" de três quartos de hora, sem úterar nela os traços que o "pai" d'Annunzio lhe imprimiu. Olavo de Barros, outro grande cirurgião. Herói de muitas "apendicetomias" sem deixar cicatrizes anti-estéticas. Vitor Costa, Elias Cecilio, Celso Guimarães... E agora, entre eles, podemos incluir um nome feminino, para a glória do sexo oposto: Maria Célia.

Conhecemos a nova "cirurgiã" quando, há uns sete anos, escrevia "sketches" para o programa "Barbosadas", então na velha PRA-9. Depois o Barbosa Junior foi para a Nacional e a Maria Célia também. Continuou fazendo "sketches". Escreveu bonitos quadros radiatrais, leves, graciosos, ora alegres, ora sentimentais, mas sempre bonitos. Tão bonitos que lhe deram material para dois livros... Conheciamos, pois, a autora, a criadora. Não conheciamos, porém, a adaptadora. E esse prazer nos foi proporcionado com a interessante síntese de "A Ditadora", que ela nos deu pelo elenco do Teatro Cômico da Nacional. E' necessário dizer que essa comédia de Paulo Magalhães é nossa velha conhecida. Brincámos com ela no côlo e a "filha" dileta do autor de "Saudade" nos estragou muitas calças com as suas traquinadas. Vimos a "A ditadora", quando de sua estréia, consagra-

do o nome de Palmerim Silva como ator cômico e, posteriormente, mais uma duzia de vezes, em quase todos os palcos do Rio por profissionais reputados e amadores de todos os matizes. Conhecendo a "pequena" como as palmas de nossas mãos, nós nos sentimos á vontade para apreciar o trabalho de adaptação de Maria Célia e não podíamos ser mais expressivos na manifestação de nossa satisfação, afirmando que, embora reduzida de duas horas para 40 minutos e, portanto, condensada em quase dois terços, a adaptadora nos deu uma "A Ditadora" parecidíssima com a do Paulo Magalhães, sem negar o "pai", quer na essência quer na textura. Maria Célia é a nova "virtuosa" do bisturi. Ela soube cortar sem ferir nenhum dos órgãos vitais da paciente. Ela, dentro de sua síntese, nos deu aquele mesmo Quincas que Palmerim soube viver, o mesmíssimo romance de Paulo e Dulce e, quase integralmente, nos fez sentir a "tragédia" do arcangélico e verboso Sinfuroso Barradas, o homem das "parlândas" pernósticas. E mais: com essa magnífica síntese, Maria Célia desvendou para nós o mistério da falta de sorte do Radiatro Cômico. Ela nos deu o ensejo de observar que o teatro do riso no Rádio só é viavel quando se mostra como a "A Ditadora" de Maria Célia. Isto é: resumido, lapidado, bem podadinho, ligeiro como a famosa carga de cavalaria de guerra da Criméia. Para o Radiatro Cômico agradar é preciso praticar uma laparotomia com jeito e arte. E' preciso fazer uma obra radiatral digna do bisturi do dr. Castro Araujo. E Maria Célia, pelo que está fazendo para o Teatro Cômico da PRE-8, merece ter o retrato no quadro de honra dos "grandes cirurgiões" do Radiatro guanabarrino...

Vendo... Ouvindo... Falando...

De ARMANDO MIGUÊS

AQUELES que sempre almejam um Rádio educativo, aliando o útil ao agradável, devem estar satisfeitos com a notável realização desse inteligente "broadcaster" que se chama Nelson Dantas, que lançou através da nova PRE-3 o interessante programa "Informações, faça o favor". Realizado com extraordinário sucesso na terra de Tio Sam, aqui no Brasil ele conseguiu vencer logo de início, dada a maneira por que vem sendo apresentado pelos intelectuais que o dirigem.

Alfredo Tomé, escritor consagrado e aplaudido nos meios literários do país, tem a sua direção, cabendo a D'Almeida Vitor, Martins Gomide, Aiziro Zarur e Gomes Filho a eficiente colaboração. Programa bem movimentado, que preenche uma lacuna no "broadcasting", seu principal objetivo é esclarecer ao ouvinte uma série de perguntas, quase sempre relacionadas com a literatura, a ciência, as artes e a economia.

ROMÃO da Silva é um rapaz inteligente e sem valdade. Sobranchando sempre uma pasta, ele nem parece o criador de uma interessante charge radiofônica que o Rádio Clube apresenta em "Caravana de Ritmos". Sim, porque no ambiente hostil que é o Rádio Indígena, o sujeito necessita proclamar o que faz, para vencer... Mas, com o Romão Silva deu-se um caso curioso: — ele não precisou fazer barulho, porque os ouvintes notaram as "Ternuras conjugais", vividas com muita graça pelo João de Freitas, o famoso "seu" Oscar, e pela Anamaria, à espalhafatosa Pepita.

"Ternuras conjugais" é um flagrante da vida cotidiana, apanhado magistralmente pelo Romão, que o sabe dosar de um "humour" fino e inofensivo às boas regras da moral...

DESPEDIU-SE 1942...

Arí Barroso, mesmo depois de afirmar que abandonaria o es-

porte, preferiu continuar ao compasso da gaitinha...

Araci de Almeida também não abandonou o Rádio, conforme prometera, talvez para auxiliar o Almirante, a preparar o dicionário da gíria...

Milonguita voltou à Ipanema

com os seus tangos... tangos... tangos...

As emissoras cariocas passaram a ser novelescas, isto é, francamente das novelas...

E Zé Bacurau não desceu da Escada de Jacó...

GALHO DE URTIGA

Por ANTONIO CONSELHEIRO

MEUS PARABENS!...

SEM dúvida alguma, um dos bons presentes de festas para o rádio-ouvinte, senão o melhor, foi o que Papai Noel deixou no seu aparelho receptor: a inauguração da estação de ondas curtas, PRL-8, da Rádio Nacional. Uma das cinco estações mais possantes do mundo, a nova emissora que transmite em três idiomas — português, espanhol e inglês — escolheu com felicidade a sua característica musical, com que anuncia aos cinco continentes a sua presença no ar.

Mereceu essa honra o nosso velho trovador, orgulho das coisas muito nossas, criador das mais delicadas estrofes regionais: Caltulo da Paizão Cearense. Coube às 14 notas do seu poema: "Luar do Sertão". No momento em que, do meu humilde barraco do Morro do Formiga, rabisco este "Galho", está ocupando o microfone S. Exa. o Embaixador Português, fazendo o discurso inaugural das transmissões especialmente para Portugal. E, até nisso, foi feliz a emissora da Praça Mauá: os programas dedicados àquele país irmão, de sangue e de língua, serão apresentados por Maria Eduarda. Inteligente, voz clara, facilidade de expressão, e, sobretudo, personalidade. O nome da locutora de "Pátria Distante" foi muito bem indicado.

Está, pois, de parabens, sob todos os pontos de vista, com o seu esmero na organização dos programas, a emissora que obedece à orientação de Gilberto de Andrade. E o velho Conselheiro o faz sinceramente, sem sermão encomendado nem espírito santo de orelha. Porque para mim, quando não presta, não presta mesmo. Não acendo uma vela a Deus e outra ao diabo. Dou "o seu a a seu dono"...

E, já que estou com a mão na massa, falando da Nacional, não posso deixar de fazer uma referência toda especial a esse conjunto que atualmente constitui uma das maiores atrações da PRE-8 — "Os Trigêmeos Vocalistas". No gênero, poderemos afirmar que é o único! Foi uma grande aquisição. Agrada plenamente ao mais exigente ouvinte.

Comentando o assunto com Lamartine Babo, meu irmão espiritual de carne e osso, eu lhe disse:

— Muita gente por aí, que se julgava "prima inter pares", há-de estar torcendo a orelha, sem sair uma pinga de sangue!...

— Se é! — aprovou o Lamartine. O "trigêmeo invoca... a... lista" de muito conjunto!...

Culinária de bom gosto

FÍGADO FRITO COM PIMENTÕES DOCE:

Frite algumas fatias de toucinho defumado. Deixe escorrer sobre papel grosso. Conserve na frigideira apenas meia xícara da gordura que ficou do toucinho, junte uma xícara pequena (das de café) com azeite, 5 cebolas cortadas em fatias, e, quando estas estiverem tostadas, retire-as. Coloque um quilo de fígado na frigideira, cortado em pedaços, e quando estiver frito (não deve ficar no fogo por mais de 5 minutos para que não endureça) junte 4 pimentões cortados em tirinhas. Tampe a frigideira e deixe por mais 15 minutos ao fogo. Sirva em uma travessa, tendo ao redor as fatias de toucinho defumado.

ALMONDEGAS:

Passa pela máquina meio quilo de carne crua. Ponha de molho, em uma xícara de leite misturado com água, quatro pães pequenos. Depois que os pães estiverem totalmente amolecidos, retire-os do leite, espremendo-os um pouco, junte-os à carne passada na máquina e mais 2 tomates picados, uma cebola picadinha, salsa, cebolinha verde e 1 ovo inteiro. Misture tudo bem, e vá fazendo com as mãos pequenas bolas, que serão rapidamente fritas em gordura bem quente. Prepare numa panela um bom molho de tomate, cebola, cebolinha e salsa fritos em uma colher de gordura, junte 1 colher de vinagre e uma xícara de água e, neste molho, coloque as bolas de carne fritas, deixando que cozinhem por 20 a 30 minutos. Sirva com pirão de batatas.

TORRADAS COM PEIXE:

Cozinhe em água e sal juntamente com todos os temperos (salsa, cebolinha, tomate, cebola), meio quilo de garoupa ou cavala e, depois de bem cozido, desfaça-o totalmente. Deite numa frigideira contendo duas colheres de azeite quente, mexa por alguns minutos e adicione dois ovos inteiros, 2 colheres de leite e 1 colherinha de mostarda. Quando engrossar, retire do fogo e deite às colheradas sobre torradas de pão de forma amanteigadas.

TORTA DE COUVE-FLORES:

Coloque sobre o mármore 200 gramas de farinha de trigo. No centro coloque 100 gramas de manteiga, uma gema, uma pitada de sal e um pouquinho de pimenta. Vá juntando aos poucos os ingredientes do centro com a farinha de trigo. Adicione um pouco de água se for necessário. Quando a massa estiver pronta, deixe-a descansar por meia hora. Abra com o rolo sobre o mármore enfarinhado. Forre com ela uma forma rasa e corte as beiradas com uma carretilha. Leve ao forno regular até que esteja perfeitamente assada. Rechê-e com um pouco de molho branco quente, galhinhos de couve-flor cozida em água e sal e passado na manteiga derretida, nova camada de molho branco, e cubra com queijo ralado, devendo ser servida imediatamente.

SORVETE DE ABACAXI:

Retire o caldo de um abacaxi bem maduro e adicione igual porção de água. Tempere com bastante açúcar e junte 2 colheres de caldo de limão. Leve ao refrigerador para congelar. Quando começar a endurecer, retire da geladeira e junte a duas claras batidas em neve, mexendo bem. Coloque novamente na geladeira e deixe até a hora de servir.

SOFRE DE CATARRO E NÃO OUVI BEM?

O aturdimiento, provocado pelo catarro, é muito incômodo e aborrecido. As pessoas que não ouvem bem, que sofrem de zumbidos nos ouvidos e padecem de aturdimiento catarral, encontram pronto alívio tomando PARMINT — o remédio realmente eficaz no tratamento da afecção catarral. Pela sua ação tonificante, Parmint reduz a inflamação do ouvido médio, causadora do catarro. E uma vez eliminada a inflamação, cessam os zumbidos nos ouvidos e a dor de cabeça, e desaparecem gradualmente o aturdimiento e a dificuldade de ouvir. Parmint é obtido em qualquer farmácia ou drogaria.

Todos que sofrem de catarro, aturdimiento catarral e zumbidos nos ouvidos, farão bem experimentando Parmint.



Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACAO
APR. PELA CENS. SANIT. N. 96. J.P.

DRS.
HELIODORO E CARLOS
OSBORNE
RAIOS X
Radiodiagnostico
radiotherapia e
exames em
residencia
Cursos praticos de Radiologia,
para médicos e estudantes.
Edif. Odeon 7.º and.
Tel. 22-6034
SALAS 718 e 719
RESIDENCIA:
RUA COPACABANA, 1052
27 - 3866

SERVIÇO DOMÉSTICO



— E tiveste coragem de sair para fazer compras, com as mãos sujas desta maneira?!

— Não, senhora: antes de sair, calcei minhas luvas...



— Fazes todo o trabalho da casa, ou tens empregada?

— As duas coisas...



— Quanto á hora das refeições, costumamos jantar ás sete horas.

— Está bem, patroa. E, se eu não estiver em casa, a essa hora, não é necessário esperar por mim: podem jantar á vontade...



— Gostaste do filme que viste ontem, Maria?

— Muito, minha senhora. E deu-me tanta vontade de mudar de ambiente, que acho melhor ir procurando outra cozinheira...

Cantico da Juventude Brasileira

De FRANCISCO DE PAULA LESSA

Olhemos, moços, o mapa,
Meditando na extensão
E na riqueza das terras
Que compõem nossa Nação!

Pois essa Nação tão grande
No território e na história,
Tem em nós, que somos moços,
Sua vida e sua glória!

Cresçamos fortes e unidos
Por essa terra louçã.
Nós somos a linda aurora
Do grande sol de amanhã!

Disciplinados crescamos
Na força... na educação.
Cresçamos pela unidade
E o porvir desta Nação!

Na trama de uma floresta,
Sempre os seres verdejantes
Têm os seus ramos detidos
Pelos ramos dos gigantes.

Mas o tronco da palmeira,
Ultrapassando os demais,
Assegura a liberdade
Dos seus penachos reais!

Como o tronco da palmeira
Sejamos altos também,
Não deixando nossas folhas
Serem presas de ninguém!

Essas folhas são da Pátria
A mais sagrada figura.
Cresçamos, que a sua vida
Depende de nossa altura!

Disciplinados crescamos
Na força... na educação.
Cresçamos pela unidade
E o porvir desta Nação!

Quem avista uma palmeira
Erguida com majestade,
Se vê a Pátria nas folhas,
Vê no tronco a Mocidade!

Seja êsse tronco altaneiro
Nosso braço juvenil...
O grande braço que ostenta
Este penacho: O BRASIL!

Ano-Novo... Ano-Bom...

De AGENORA DE CARVOLIVA

PENSEI que ia viver e sorri deslumbrada; mas a chama viva, que me consumia, que me enchia a alma de calor e de prazer, de esperança e de ventura, era a derradeira chama da última cintilação daquele sonho...

Depois... mergulhei as mãos nas suas cinzas preciosas, num desejo pueril de reavivá-las, e senti que tudo era escuro em derredor de mim. Até hoje não sei se fui eu, que, sem ver, caminhei para as trevas, ou se foi a noite que veio ao meu encontro, ali, bem no meio da estrada, onde tudo deveria ser luz.

Algum tempo — um minuto ou o infinito — permaneci quieta, com medo de mim mesma, pois o gelo de minhas mãos sobre a fronte que ardia deu-me a sensação de que essas mãos não eram minhas, pois que elas deveriam ter ficado mergulhadas nas cinzas...

Passou alguém e sorriu-me. Surpreendida, olhei-o e olhei, também, em volta de mim. O sol estendera na campina o seu manto dourado para que os ramos floridos ó bordassem de sómbrias. Compreendí, então, que as trevas estavam dentro de mim e ninguém poderia vê-las. Tornei a olhar para o vulto que me fitava sorrindo e sorri também. Mas o meu riso não foi igual ao seu, puro e cristalino como se me ofertasse uma taça de alegria; senti os lábios contrair-se a custo como se m'os houvessem puxado com a ponta de um punhal, e nos meus olhos perpassou um brilho ligeiro como um fósforo que se acende e o vento apaga.

O vulto estendeu-me a mão, que apertei como se fôra um graveto apanhado ao acaso e disse-me, sorrindo sempre:

— Boas entradas no Ano-Novo! Feliz Ano-Bom!

Ano-Novo... Ano-Bom... Que significam essas palavras?

Um pássaro levantou vôo ao meu lado e foi perder-se ao longe, na distância azul. Um sino prorompeu o seu imbalhar agitado, como se o sacudisse uma dansa fantástica de países estranhos. Estive a escutá-lo algum tempo e quando a última nota se perdeu na distância azul. Um sino prorrompeu o seu bimbalar agitado, mim...

Deitei-me sobre as cinzas do meu sonho e fiquei a repetir, maquinalmente, com a minha voz vazia maltratando o silêncio:

— Ano-Novo... Ano-Bom... Ano-Novo... Ano-Bom...



DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

E saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: 3\$000.

Dame Française

Enseigne son idiome avec méthode facile et rapide.

Prix modérés
TELEPHONE: 36-3995

SUPER CARA
GOSCH
PARA SOALHOS

USANDO-A UMA VEZ POR MÊS
TERA' O SOALHO
SEMPRE BRILHANTE

Vida infantil

MEDIDAS DE HIGIENE

SE um menino, em seus primeiros meses de vida, é banhado por sua mãe todos os dias, que razão há para que não suceda o mesmo depois e o banho passe a ser artigo de luxo? Podemos verificar, com lamentável frequência, que essa medida de higiene passa ao esquecimento, e isto em casos que só denunciam desleixo, porquanto não faltam os elementos indispensáveis. Que haja pessoas que ainda acreditam ser o frio razão para não banhar-se, não se concebe nesta época em que cessou o preconceito relativo a certas regras de limpeza.

Também existem pessoas que não lavaram a cabeça no inverno e frequentaram o menos possível a água nos meses de junho, julho e agosto. Felizmente, esses costumes pertencem à exceção.

O menino deve banhar-se como as pessoas grandes, ao levantar-se ou ao deitar-se, e isto sem qualquer impedimento, salvo prescrição médica. Um resfriado, um dia de chuva, uma pequena indigestão não são causas para que se suspenda um banho. O menino deve acostumar-se ao banho, como à refeição ou a dormir em suas horas: como uma necessidade de seu organismo.

Não há estações para as medidas de higiene. Todos os dias são iguais, e tão necessário é tomar banho em janeiro como em julho. Não cabe refletir a favor ou contra tal necessidade. Cumpre considerá-la como indispensável.

Um menino habituado a tomar banho diariamente perde muito do repouso de seus nervos até de seu bom dormir, se esse costume é alterado. E não é possível admitir que exista uma mãe, em cuja casa haja um mediano conforto, que esqueça seu dever ao ponto de suprimir o banho de seu filho para não ter trabalho. A natureza dita suas leis e os hábitos as tornam insuperáveis.



ATÉ OS SETE ANOS

1. — Para uma menina de três anos, este gracioso vestido em veludo marrom com golinha de musselina de seda branca.
2. — Para a escola, esta garôta de sete anos vai vestida comodamente sob o avental. Vestido de fazenda vermelha, botões forrados do mesmo tecido e golinha de piqué branco.
3. — Traje inteiriço, em flanela azul claro, para um menino de quatro anos.
4. — A saia, com suspensórios e cinta, é de lã marrom, e a blusa é de tecido leve, cor-de-rosa.
5. — Polainas-calças, abrigo e chapéu de flanela marrom claro para um menino de dois ou três anos.
6. — Bata para os dois sexos até cinco anos, em lã, forrada em seda. Botões forrados. Cordão e borlas de seda.



(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

— E' muito esquisito isto... — disse para si mesmo. — Mas eu juraria ter ouvido meu nome gritado por alguém...

Regressou a casa. Os dois colossos não se haviam movido de seus lugares.

— Enganei-me — disse-lhes, preocupado e pensativo, ajuntando: — Estejam bem quietas e não deixem essa jovem esperar à porta quando bater. Valem por ela como se fôra a minha irmãzinha Myrta. Boa noite. Fechem a porta.

Tendo dito isso, e como os colossos obedecessem passivamente, afastou-se com passos rápidos, mas murmurando sempre:

— E na verdade estou surpreso e inquieto, porque Florinda ainda não veio... Mas, tratando-se de uma pequena muito extravagante e enamorada de sua independência, talvez tenha achado que esta casa la tornar-se uma prisão para ela, e procurou outro ninho mais de acordo com seu gosto. Se for assim, menos mal. Mas... não sei... Creio ter ouvido sua voz... Está bem... Tenho muitas outras cousas em que pensar e fazer neste momento, e já perdi muito tempo. Amanhã veremos, o que succedeu a Florinda.

A' semelhança de Rospignac, Beaurevers dirigiu-se ao cais do Louvre, saltou para uma barca e remou em direção também da torre de Nesle. No mesmo momento, porém, em que elle embarcava, ao bater das oito e meia, já o barão pisava as margens do rio Sena, desembarcando no cais dos Agostinhos.

NO LOUVRE

NO dia seguinte ao da luta, Beaurevers foi ao Palácio do Louvre, onde teve uma longa conferência com o rei. Mais adiante diremos quais foram as consequências dessa conversa mantida por Francisco II com aquele a quem chamava o "seu cavalheiro".

Por agora, já que estamos dentro do Louvre, entremos nos aposentos de Catarina de Médicis, e nos detenhamos um pouco naquele gabinete secreto onde pouca gente entrava a não ser ela: o seu oratório.

Sentada em uma poltrona, erecta, lívida, com os lábios franzidos, sem dizer uma só palavra e sem fazer um só gesto, olhava fixamente o barão de Rospignac, que, tendo ali comparecido para dar-lhe conta do que se passara na véspera, estava profundamente inclinado perante ella. Tendo sobre si aquele olhar de fogo, o barão sentiu que um calafrio mortal lhe corria pela espinha.

Mas, sendo também elle um rude lutador, mostrava-se altivo, com o rosto impassível. O certo é que Catarina, por mais perspicaz, não pôde notar um só assomo de terror naquella fisionomia.

Foi o barão que, com inaudita audácia e sem preocupar-se com a etiqueta, que lhe prohibia falar sem

ser primeiramente interrogado, exclamou, de repente:

— Madame, antes de assassinar-me com vosso olhar, como está fazendo, deveries verificar se há ou não culpa de minha parte... E' verdade que fracassou o plano, tão bem arquitetado, mas não é menos certo que isso não aconteceu por minha culpa.

Sua audácia deu o resultado por elle desejado. Catarina de Médicis não mudou de attitude, mas falou:

— Explique-se! — disse, em tom glacial.

Já que a rainha falava, e lhe pedia explicações, Rospignac perdeu todo o temor, certo agora de que placaria a régia ira. Por outro lado, tinha a certeza: de que não podiam mesmo lançar-lhe a culpa, com justiça, pois, como havia dito, se o plano fracassara, não fôra por sua culpa. Foi por isso que respondeu, com toda a calma, olhando fixamente a rainha:

— Se os senhores de Guise tivessem respeitado as disposições ditadas por mim mesmo, bem como as medidas que antes lhes havia exposto e que Vossa Majestade conhece e aprovou, de nada teríamos que nos lamentar agora.

— Mas devia impedi-lo, senhor barão — interrompeu, secamente, a rainha.

— Assim o teria eu feito, se estivesse também ali, com as forças em marcha. Mas, desgraçadamente, quando os senhores de Guise detiveram a marcha daquelle tropa, estupidamente — perdoai-me, Majestade! — a fazer perguntas ao senhor de Bragelone, perguntas ociosas, eu já estava no Prado da Córta, onde era indispensável minha presença, e Vossa Majestade compreenderá que não sou Deus, e por isso não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Um estalar de nós dos dedos foi a única manifestação de contrariedade que se permitiu Catarina.

— Está bem — respondeu. — Conte-me o que succedeu.

Rospignac compreendeu que finalmente conseguira arrancar aquella espinha que se lhe tinha atravessado na garganta, sentindo-se aliviado da angústia que o oprimia a-pesar-de sua calma aparente. Narrou tudo quanto acontecera, com rigorosa exactidão, mesmo com os menores detalhes, mas fazendo questão de afirmar que foi por culpa dos Guise que as tropas chegaram demastadamente tarde, motivo ou causa única do fracasso.

Como de costume, Catarina escutou-o atentamente, sem interrompê-lo. Dotada de uma memória prodigiosa, anotava mentalmente os detalhes que lhe pareciam mais importantes.

Quando Rospignac terminou, ella se quedou por momentos pensativa. O barão, em attitude respeitosa, observava-a de través, procurando ler no rosto da rainha o effeito produzido por suas palavras, e ao mesmo tempo adivinhar suas intenções. Tarefa inútil, pois não podia existir semblante humano tão eni-

gmático e inescrutável como o de Catarina de Médicis.

— Se não me engano — disse ela, por fim, como se nada tivesse sucedido, completamente mudado o seu tom de voz —, esta noite deverá haver uma entrevista dos senhores de Guise com o senhor Vidama de Saint-Germain.

— Sim, Madame.

— Assistirá a ela?

— Sim, Madame.

— Bem. Então amanhã, á primeira hora, virá dizer-me do que trataram. Tenho que refletir. E' provável que amanhã já possa dar-lhe novas instruções. Retire-se.

Rospignac inclinou-se profundamente, e dirigiu-se para a porta, pensando:

— Não está muito satisfeita... Mas não pôde culpar-me de cousa alguma e isso, por agora, é o mais importante para mim.

Quando chegava ao umbral, a rainha o deleve, dizendo-lhe:

— A propósito, desejo saber quem a pessoa que facilitou a Beaurevers os meios para escapar da casa incendiada.

— Tratarei de sabê-lo, Madame.

— Não basta isso. E' preciso procurá-la e encontrá-la, imediatamente. Não terá sido o Visconde de Ferrière?

— Há muito que suspeito dele, Madame — respondeu o barão de Rospignac, imperturbável. Há alguns dias Beaurevers e Ferrière se tornaram amigos inseparáveis.

— Pois então trate de averiguar isso.

— Fã-lo-ei, Madame.

— Além disso — continuou a rainha-mãe — é necessário, também, que procure e traga á minha presença essa rapariga que diz a *buen-dicha*. Chama-se... Florinda, não é? Pois quero vê-la hoje mesmo. Traga-a aqui ainda esta noite.

Rospignac não pôde dissimular um movimento de inquietação ouvindo semelhante ordem. Catarina notou o que se passava com o seu splaniguado, e apressou-se em tranquilizá-lo, dizendo, com aquele seu sorriso enigmático e indefinível:

— Nada tema por ela, barão. Já tive ocasião de dizer-lhe que não penso fazer mal algum a essa jovem, e quando não necessite mais dela, e se estiver contente com seu trabalho...

Fez uma breve pausa, para terminar em seguida:

— ... eu lh'a entregarei.

Rospignac não pôde conter um grito de alegria, embora na presença de Sua Majestade, uma alegria frenética, e então, dobrando um joelho ante Catarina de Médicis, exclamou, com acento de profunda sinceridade:

— Ah! Madame... Se fizerdes isso..., minha vida vos pertencerá toda, e mais ainda do que até aqui, podereis dispor de meu corpo e de minha alma... E serieis, para mim, mais que o próprio Deus!

A despeito do favor especial que lhe concedia, Catarina não abandonou a atitude fria e severa que adotara até ali, e o despediu, dizendo-lhe, com evidente desgosto:

— Retire-se, e não se esqueça de que esta noite espero a rapariga.

Saiu o barão, louco de alegria, e decidido, firmemente, a apoderar-se de Florinda, naquele mesmo dia, de acordo com as ordens que acabava de receber. Entretanto, sua alegria não seria tão grande, e mesmo se transformaria em inquietação, se soubesse que a rainha estava completamente ao par de toda a maneira pela qual Florinda agira na véspera.

Mas Rospignac ignorava e, contando com a promessa da rainha, tomara todas as medidas para cumprir, sem perda de tempo, as instruções que lhe dera Catarina.

Quando o barão se retirou, Catarina deixou-se ficar ainda por muito tempo em seu oratório, pensando, calculando, sonhando... A uma hora da tarde levantou-se da poltrona, e, com passo lento e majestoso, dirigiu-se aos aposentos do rei.

Naquele momento Francisco II estava no seu grande salão, em companhia de sua esposa, a rainha Stuart. Os jovens soberanos estavam sentados muito juntinhos, com as mãos entrelaçadas, olhares ardentes e sorriso nos lábios, deixando transparecer, no tom acariciante da voz, o amor imenso e cândido que tinha um pelo outro. Livres de todo temor e preocupação, deixavam escapar verdadeiras gargalhadas de alegria pueril, causada por aqueles momentos de solidão em que se achavam.

— Ah! meu querido rei e senhor... — suspirava, amorosamente, Maria Stuart —, que felicidade a minha se sempre pudesse ter-te a meu lado.

— Estaremos juntos vários dias, pois que estou decidido a não sair do Louvre por alguns dias.

A jovem rainha aplaudiu alegremente.

— Oh!... uma notícia tão agradável merece uma boa recompensa... Tomt-a!

Assim dizia, e já seus braços lhe envolviam o pescoço, enquanto com seus lábios procurava os dele, beijando-o na boca. Francisco devolveu-lhe a carícia. E ambos riam, com um riso alegre e franco, uma gargalhada de jovens felizes. Mas bem depressa Maria Stuart se tornou séria, e voltando a suspirar:

— Mas por que me dizes, meu Francisco, que somente alguns dias ficarás aqui? Quando te decidirás a não separar-te mais de mim?

— Paciência, querida Maria. Paciência, que chegará esse momento. Dentro de dois ou três anos completarei meus vinte anos e então, com a certeza de que hei de viver, eu...

Interrompeu o que dizia, levantou-se, e seus olhos, habitualmente tão doces, tiveram fulgores sinistros.

Maria Stuart, envolvendo-o em seu olhar apaixonado, bebia-lhe as palavras e esperava, estremecendo de esperança, a revelação do que faria o rei ao completar a sua maioridade... Mas Francisco voltou a sentar-se, bruscamente. Aquela esperada confissão, a revelação que seria tudo para ela, não lhe saiu dos lábios. Maria não obteve, como esperava, a ansiosa confidência.

A jovem rainha fez um gesto de amuo gracioso, de menina amimada, e disse, em tom de acentuada tristeza:

— Dois ou três anos... é muita cousa, meu querido. Se no menos ficasses aqui no palácio, onde velam por ti teus guardas e gentis-homens... Mas isso não acontece. Páras aqui, no palácio, apenas algumas horas por dia, apenas um momento, e só Deus sabe a que perigos te expões, quando saís, pois não há de pretender fazer-me crer, Francisco, que não corres perigo algum nessas verdadeiras sortidas que fazes.

— E' certo — confessou o rei, depois de certa vacilação — que há algum perigo. Não te escondo, pois que também és valente. Mas esses riscos não te devem preocupar, em primeiro lugar, porque tenho amigos mui fiéis, que me seguem como se fossem minha sombra, e a quem nada escapa, e que velam constantemente por mim; é em segundo lugar, por se tratar de perigos visíveis, palpáveis, sempre os mesmos, previstos, resumindo-se nisto: estocadas e punhaladas.

— Mas há necessidade de te expores assim, Francisco?

— Repito, querida. Isso não é nada...

Interrompeu mais uma vez o que dizia. Seu semblante obscureceu. Baixou a voz, olhou com receio em derredor, prosseguindo então:

— Ver a morte frente a frente, nada é... O que me atormenta é saber que ronda ela em torno de mim, a ignorar sempre de onde surgirá e como

me alcançará... Estará na fruta que acabamos mesmo de cortar da árvore? Ou no vaso, que acabamos de encher, com nossas próprias mãos, na fonte pura? Estará na flor, com cujo grato perfume nos embriagamos? Ou mesmo no ar que eu possa estar respirando, e que me faça mal, sem fazer a ti, que estás, a meu lado? Essa a aflição que me domina, na certeza de que a morte ronda realmente dessa forma, em torno de mim. E aflige-me ainda mais saber que somente poderei descobri-la quando seja demasiado tarde, sob a máscara de um servidor zeloso, de um amigo solícito, de um parente extremoso... Onde está a traição, e como o traidor se chegará junto a mim, e de mim se apoderará? E' por tudo isso, querida, que fujo do Louvre, pela certeza em que estou de que mais perigo há para mim dentro destas paredes que lá fora, ante espadas e punhéis. Isto é tanto mais horroroso, mais insuportável, quanto me obriga, meu amor, a ficar tanto tempo longe de ti... até o momento em que eu posso agir livremente.

Maria Stuart abraçou-se ao rei, e o estreitou contra seu peito, olhando cheia de temor, e também a buscar os olhos, atemorizada, em derredor, como querendo adivinhar onde estava o perigo oculto, e querendo protegê-lo contra o espectro odioso e terrível que elle evocava.

Francisco II viu-a pálida, aterrorizada, a tremer, tendo os olhos cheios de lágrimas, e então se arrependeu de haver revelado seus secretos pesares.

— Mas... ah! — exclamou, com alegria, para tranquilizá-la — ainda estou vivo e — viva Deus! — eu me defenderei e vencerei a morte! Tenho a firme esperança de consegui-lo, tendo a meu lado amigos fiéis, e uma esposa adorada... A propósito... Sabes, querido, que me prognosticaram que morrerei velho, muito velho?

Foi naquele mesmo momento que chegava Catarina de Médicis á porta secreta que ligava seus aposentos aos do rei, porta encoberta por um pesado reposteiro, e para a qual os dois jovens soberanos estavam de costas. Como sempre fazia, a rainha-mãe deteve-se por alguns instantes, a ouvir e, entreabrindo vagarosamente o reposteiro, via ao mesmo tempo que ouvia, antes de entrar.

Ouvia as últimas palavras de seu filho e, dolorosamente impressionada, franziu a testa e crispou os dedos na cortina pesada que levemente levantara. Mas refletiu, logo em seguida:

— Pois a mim disseram bem o contrário... Nostradamus prognosticou, e Nostradamus, até agora, jamais se enganou... E's tu, Francisco, quem se equivoca... ou procuras enganar essa franguinha.

Tranquilizada por este rápido pensamento e raciocínio, continuou imóvel, naquele lugar, contendo a própria respiração, para não perder uma só palavra, uma só sílaba do que o rei viesse a dizer á sua esposa, pois era muito natural que Maria Stuart quisesse saber quem lhe fizera aquella profecia. Assim saberia Catarina de Médicis o valor dessa predição, e o crédito que poderia dar ás palavras de seu filho.

Maria Stuart era tão supersticiosa quanto Francisco ou Catarina de Médicis, como supersticioso era a quasi totalidade da gente daquele tempo. Tranquilizada, por sua vez, pelo que ouvia, novamente o sorriso lhe appareceu nos lábios e nos olhos.

Francisco II contou, então, á sua real esposa, que o ouvia com toda a atenção, seu encontro com Florinda, na Hospedaria do Prado, e repetiu com toda a fidelidade as palavras pronunciadas pela jovem, naquella circunstancia tão importante para elle.

Catarina de Médicis sorriu, satisfeita, ouvindo, por detrás da cortina, o que seu filho acabava de informar, e por isso, quando terminou elle, murmurou ella para si:

— Não tenho motivos para preocupar-me... Por seu lado, porém, Maria Stuart comentou, com pequenos grunhidos de ciúmes:

— Mas com que entusiasmo falas dessa Florinda! Sabes que, se continuas assim, vou ter ciúmes?

— Farias muito mal, querida— respondeu-lhe Francisco II, desta vez muito sério. — Primeiramente, é preciso que saibas que, fora da Corte, conto com alguns amigos, aos quais aprecia e respeito mesmo com tanto mais razão, quanto sei que me são fiéis, e mesmo muito amigos, do que já me deram muitas provas, não havendo neles o menor interesse, mas uma amizade sincera, pois nem sequer suspeitam que aquele que supõem lhes seja um igual, é o rei de França.

— Pretendes dizer-me que essa jovem pertence a um desses teus amigos tão desinteressados? — perguntou Maria Stuart, tendo na voz a perfeita intonação chocarreira de quem duvida.

— Não tenhas maus pensamentos, Maria, e não leves em brincadeira o que estou dizendo-te! — replicou o rei, gravemente. — Vou contar-te... Em circunstancias muito recentes, em momentos muito sérios, em que perigava a vida de muitos homens, e também a minha... Mas que é isso? Voltas a ficar triste?... Vamos... Não há motivo para isso, pois que o perigo já passou, e aqui me tens a teu lado, são e salvo.

O rei suspendeu por momentos sua narrativa, para ambientar a esposa.

— Nessas circunstancias — continuou elle — Florinda se mostrou tão dedicada, tão decidida, abnegada, valente e desinteressada, teve iniciativa tão admirável e deu provas de valor tão grandes, que os homens mais decididos e valentes não se teriam atrevido a fazer o que elle fez. A Beaurevers e a essa moça dever ainda, querida, ter teu esposo vivo a teu lado, tendo escapado de gravissimo perigo. Admirarte-as, agora, que eu a considere como amiga fiel e abnegada, e que lhe faça todos os elogios que merece?

Maria Stuart não falara realmente com ciúmes, e as palavras de seu esposo a impressionaram tão profundamente, que, por sua vez, se tornou muito sério.

— De tudo quanto me disseste só me lembrarei de que Florinda te salvou a vida, e isto basta para que eu sinta que também a estimo, como a Beaurevers, e todos esses amigos desconhecidos, que velam por ti. Assim, pois, não voltarei a falar contigo mais a respeito deles, senão para perguntar-te de que maneira poderíamos demonstrar-lhes nosso agradecimento e nossa gratidão.

— Não te dê isso cuidado, Maria, pois que, quando se apresentar a ocasião oportuna, o rei de França saberá recompensar regiamente os serviços prestados ao Conde do Louvre.

E agora, também com ares maliciosos, elle acrescentou:

— E necessário será, também, que te diga por que não deves mesmo ter ciúmes dessa jovem. Florinda é a noiva do Visconde de Ferrière, um dos amigos do Conde do Louvre, dos quais te falei há pouco, e isso a torna ainda mais sagrada a meus olhos.

Poder-se-ia observar que Francisco II se mostrava muito reservado quando se tratava das aventuras do Conde do Louvre; mas o mesmo não se dava quando se tratava dos outros. Ao contrário, então não omitia detalhe algum. Deste modo lá pondo sua esposa, habilmente, ao corrente das suas próprias aventuras, dizendo-lhe o que somente não podia sobressaltá-la.

Francisco II contou-lhe, então, o que sabia dos amores do Visconde de Ferrière e de Florinda, antecipando-se um pouco, pois que não sabia ainda se realmente elle se comprometera em casar-se com ella. Mas tinha a certeza de que não mentia, pois que o Visconde sôfra de sua presença para esse fim, e elle estava certo de que as cousas haviam succedido como acabara de contar á sua esposa.

A história daqueles amores tão românticos comoveu profundamente o coração da rainha, e exaltou sua imaginação, já por si demasiadamente viva e ex-

dente. Por isso, manifestou ela, imediatamente, o desejo de ver a noiva, para demonstrar-lhe sua simpatia, dotando-a regiamente, como se aquela "rapariga que perambulava pelas ruas, lendo a "buena-dicha", pertencesse à nobreza. Tantas cousas disse, e de tal maneira se entusiasmou, que Francisco teve que interrompê-la, dizendo-lhe que Florinda apenas conhecia o Conde do Louvre, e que ainda não era a ocasião oportuna de dar-se a conhecer. Por outro lado, as atenções da rainha para com a humilde filha do povo poderiam causar assombro e infundir suspeitas, e isto era preciso ser evitado a todo custo, até que se apresentasse a oportunidade.

Estas informações todas, dada a intimidade do rei à sua esposa, por motivos que bem sabemos, foram de muito mais interesse para Catarina de Médicis, que as escutava, do que para a própria Maria Stuart.

Terminada aquela sua exposição, o rei abraçou sua esposa, e declarou, com toda a intensidade de sua paixão juvenil:

— Não tenhas ciúmes de ninguém, Maria! Já sabes, minha vida, que para mim não existe no mundo outra mulher como tu. Meu coração te pertence, e reinará nele também como sobertina, e reinará enquanto eu for vivo.

Uniram-se os lábios, e trocaram um longo beijo.

A poucos passos deles, rígida como uma estátua, debruço de seu véu e de suas roupagens negras, Catarina de Médicis os contemplava. O olhar que fixava em seu filho estava cheio de ironia, desdenhoso e quasi depreciativo; mas, quando desviava a vista para sua nora, esse olhar se tornava feroz, ameaçador, carregado de ódio mortal, um desses ódios terríveis, tenazes, que não perdoam, porque quem os sente não retrocede a nada, ante nenhum meio, por mais baixo e repugnante que seja.

Por que seria que Catarina de Médicis odiava assim essa pequena tão amável, tão boa e tão inofensiva? Talvez que ela mesma não pudesse explicá-lo. Era mesmo muito provável que a odiasse apenas porque Maria Stuart realmente amava seu filho.

Catarina recuou alguns passos, tornou a fechar com todo o cuidado possível aquela porta secreta, e então tornou a abri-la fazendo todo o ruído possível, para dar a impressão perfeita de que estava chegando naquele momento. E penetrou no gabinete de seu filho.

MÃE E FILHO

SOMENTE a rainha-mãe era permitido entrar ali, daquela maneira. Os jovens soberanos não precisaram voltar-se para saber quem se atrevia a importuná-los naqueles doces momentos. Quasi meninos, como eram ainda, separaram-se vivamente, adotando uma posição respeitosa e cerimoniosa, de acordo com a etiqueta.

Ficaram os dois ruborizados até a raiz dos cabelos, como pessoas culpadas surpreendidas em flagrante delito, e o olhar que trocaram dizia claramente o desgosto que sentiam, pela interrupção daquele doce idílio em que se encontravam.

Catarina viu aquele olhar e compreendeu o seu significado. Frunziu os lábios e, envolvendo sua nora em um olhar mortal, tomou a atitude de uma vítima resignada. Francisco II, vendo-a, não lhe virou as costas, mas se ficou de lado, e ao primeiro movimento de aborrecimento produzido pela surpresa, succedeu o de indignação oculta, arrependido de não ter, desde o começo, proibido a entrada de sua mãe, sem se fazer avisar, em seus aposentos particulares. E não tratou, sequer, de dissimular o seu mau humor.

Catarina, que lia em seu semblante como em um livro, aberto, manifestou, em tom amargo:

— Importuno-te, meu filho? Ah!... A juventude recebe sempre mal a velhice que vela por ela.

E, tornando-se repentinamente agressiva, continuou: — Estão aqui os dois entregues ao amor... Não que eu seja contra isso, que é natural, mas cada cousa a seu tempo e, Deus bendito, escolheram muito mal a hora para suas expansões amorosas! Vê-se bem que não cuidam dos sucessos gravíssimos que se desenrolam neste momento!

— Que acontecimentos tão graves são esses? — perguntou Francisco II, com visível impaciência. Catarina levantou os braços aos céus, como para pedir misericórdia, e fazê-lo testemunha da enormidade que ouvia, e gemeu:

— Mas então é possível que não saibas de nada! Felizmente aqui estou eu para velar por ti!

Tomou-lhe a mão e o levou para junto de uma janela, que abriu de par em par, e disse então, esmagando um braço:

— Olha! Escuta!

— Estou vendo — respondeu o rei, impassível — grupos formados da gente mais baixa e reles do povo, pela plebe insolente, por essa vil orraia do Pátio dos Milagres, percorrendo as ruas armados de cacetes... E estou ouvindo esses bandidos — porque essa gente que tu estás, Madame, são uns miseráveis bandidos, que não devem ser confundidos com o meu bom e leal povo. Ouço que gritam: — "Morrão os huguenotes!" E será por acaso isso que tanto a preocupa?

— Creio que também te preocuparás quando ouvires mais de perto esse povo, porque é a teu povo que estás ouvindo, Francisco, e não apenas miseráveis bandidos, como dizes.

— Bem, Madame... Não discutimos por tão pouca cousa. Suponhamos mesmo que seja o meu verdadeiro povo...

Tendo dito isso, sempre com a maior tranquilidade, Francisco II fechou a janela e voltou a sentar-se, flegmaticamente.

Catarina não se desconcertava facilmente, mas a verdade é que aquela calma a desorientou por um momento. Mas não foi mais que um curto momento. Refez-se logo depois, para dizer, com voz sinistra e ameaçadora:

— Mas quando ouvires esse povo voltar contra ti suas ameaças e gritos, então talvez que te comovás e, o que é peor, Deus queira que não seja demasiado tarde.

— Se isso acontecesse, enviaria contra o povo uma companhia da minha fiel guarda, prenderia os que gritassem mais alto e os cabeças, e sem formação de processos mandaria suspendê-los em forcas que seriam levantadas em diversas praças... E garantivos, Madame, que bem depressa e, como por encanto, a ordem se restabeleceria.

— Oh! — gritou Catarina para si mesma — Essa idéia não é tua... Sem dúvida foi sugerida por esse miserável aventureiro, esse desgraçado Beaurevers... Mas não me declararei vencida, não aceitarei derrota sem ter lutado até o último momento.

Em voz alta, aparentando gravidade e tristeza, continuou:

— Meu filho, se não tivesses abandonado quasi por completo os assuntos do reino, e te preocupasses com os negócios de Estado como deverias fazê-lo, compreenderias então que a situação é mais grave do que te parece, e que merece toda a nossa atenção. Permite, então, que tua mãe, que está inteiramente ao par de tudo, te informe acerca do que está se passando.

— Mas certamente, Madame!... O meu maior desejo é inteirar-me de tudo! Fatal, que sou todo ouvido.

Catarina olhou-o fixamente, mas não pôde descobrir se seu filho falava sério, ou se se divertia à sua custa, e por isso, imediatamente, se pôs de guarda. Francisco II, entretanto, sabia bem o que o esperava e, portanto, de tal modo dissimulou seus sentimentos.

que sua mãe, apesar de sua inegável perspicácia, não pôde penetrar seus pensamentos. Não obstante, tratou de ir diretamente ao ponto visado.

— Achamo-nos, meu filho, ante um *complot* perfeitamente organizado pelos partidários da Reforma, a quem o povo chama de *huguenotes*. Qual o objeto dessa conjuração? Bem sabemos que cogitam eles de anular a autoridade real, separar-se do resto da nação, e formar um Estado novo dentro do próprio Estado. E, como seu elemento é essencialmente guerreiro, desejam eles absorver, imediatamente, pela força, o Estado ao qual se separarem, dominá-lo e à sua gente, para tornar-se senhores absolutos do reino. Isto quer dizer, meu filho, que querem despojar-nos, e em especial a ti; querem tirar-te teus Estados, roubar-te o trono, e quem sabe se não irão muito mais longe, tratando de suprimir o próprio, indo até ao sacrilégio do assassinio da pessoal realeza?

— Vai demasiadamente longe, Madame. Segundo o que me disseram, os protestantes nada mais pedem que lhes deixem a liberdade de seguir os preceitos de sua religião, para que possam pagar a Deus à sua maneira, e ainda que essa maneira não seja a vossa, não posso negar que semelhante pretensão não me parece exorbitante.

— Pretexitos, meu filho. Apenas pretexitos.

— Pode ser que sim, como pode ser que não. Mas não crêdes, Madame, que se lhes for concedido o que pedem, se acamatará logo a agitação desses elementos? Não sei se é por efeito de minha ignorância em assuntos do Estado, mas o certo é que não vejo o futuro carregado com nuvens tão negras, como o apresentais, Madame. Digo mais, custa-me muito a crer em tanta maldade, em tamanha loucura. De todos os modos, nada se perderia fazendo uma experiência.

Era tão simples e tão justo o que dizia, que Catarina se deixou ficar por alguns momentos silenciosa, confundida. Mas subitamente lhe veio à mente que seu filho repetia uma lição recebida do cavalheiro de Beaufort, e respondeu, peremptoriamente:

— Seria um erro gravíssimo, meu filho, pois que, se lhes concedêssemos isso, bem depressa pediriam outras cousas.

— Que mais pediriam, Madame? — Precisa, eu vos peço.

— Pediriam... por exemplo, uma imposição a todos os católicos da obrigação da prática de suas cerimônias, leitura de seus livros, e de orar como fazem eles.

— Ora!...

— Não conheces os huguenotes, Francisco! Pois escuta: — Contem mesmo o preboste resolveu que se desse busca em um dos focos de heresia, ou melhor, em um desses antros de conspiradores. Pois bem... Sabes o que os arqueiros acharam nas mesas daquela gente?

— Espero que digais, Madame.

— Frangos assados! E preparavam-se para comê-los, apesar de ser uma sexta-feira! Comiam carne, meu filho, em uma sexta-feira, dia de abstinência e de jejum! Os hereges, surpreendidos em flagrante delicto, não puderam negar seu crime! Mas isso não foi nada, em comparação com o que aconteceu depois! Quando os arqueiros, no cumprimento do seu dever, iam apoderar-se do corpo de delicto, os hereges caíram à traição sobre eles, matando alguns a estocadas e a punhaladas!

— Possivelmente tinham eles muita fome e apetite, e, na falta de outra coisa para levar à boca, viram-se obrigados, vamor dizer, a comer frangos assados.

— Estou vendo, Francisco, que és capaz de desculpá-los também por terem feito voar a casa! Será que os desculparia, também por terem incendiado essa casa?

— Isso não, porque nella moravam outras pessoas

inocentes da culpa imputada a seus vizinhos.

— Pois é isso... Pois bem; os miseráveis não vacilaram ainda em cometer também esse crime!

— Que miseráveis?... Os protestantes?

— Quem mais podia ser?

— Ah!... Mas estais em erro, Madame. Fostes informada muito mal. Os autores dessa nefanda crime foram os bons católicos!

— Que é que sabes a esse respeito, Francisco? — perguntou ela, denotando um grande espanto.

— Sei tudo! — respondeu ele. — Sei tudo, porque eu mesmo estava dentro dessa casa — continuou, friamente, acrescentando, depois de certa pausa não interrompida pela rainha-mãe. — Sim, Madame, eu estava naquela casa, com os "tais" hereges! Gente a quem queriam prender arbitrariamente, e assassinar traiçoeira e covardemente! Pois estive tão exposto, ou talvez mais que eles, e tivemos que defender nossas vidas, com inaudito denodo. Quereis mais, senhora? Basta que vos diga que, se vosso filho está ainda vivo — e estou certo que dareis graças a Deus por isso, pois estou certo de vosso carinho maternal — deveis a esses hereges, que tão brava e heróicamente o defenderam!

Francisco II, cada vez que pronunciavam a palavra "hereges", fazia questão de frizá-la muito bem. Catarina mordeu os lábios. Não esperava uma resposta tão franca e positiva. Rospignac não pusera dar-lhes certos detalhes, que ele mesmo ignorava.

A rainha-mãe compreendeu, imediatamente, o grande erro que cometera, e por alguns segundos se manteve quieta, atônita, buscando meios de sair o mais afanosamente possível daquele apuro. A ficção era o meio mais indicado. O rei acabava de dizer-lhe que se achava com os hereges, a quem tão imprudentemente acusavam em sua presença e, por conseguinte, se vira exposto ao perigo iminente de perder a vida...

Então representou admiravelmente seu papel de mãe desconsolada, cheia de terror, e, com gemidos falsos e lágrimas verdadeiras, derramadas em abundância, exteriorizou a sua dor, pelos perigos que corria seu filho amadíssimo. Mas aproveitava aquele estado para ir fazendo perguntas, muito cuidadosamente, para ir-se inteirando de outras cousas que evitariam para ela cair em novos erros.

Não sabemos se conseguiu enganar Francisco II com a comédia que representava, porque o rei não deixou transparecer seus sentimentos, respondendo, com maestria e sutileza dignas daquela grande comediante com quem discutia. Respondeu a suas perguntas com laconismo desesperado, sendo que não teve mesmo escrúpulo em alterar a verdade quando assim lhe convinha, não porque quisesse realmente enganar sua mãe, mas simplesmente por não querer assustar sua esposa, Maria Stuart, com a narração verdadeira da espantosa aventura da véspera.

A jovem rainha julgou prudente não intervir na conversa que tinham mãe e filho, mas não perdia uma só sílaba do que diziam.

Catarina, compreendendo ou então acreditando poder modificar a maneira do rei, voltou pouco depois ao ataque, repetindo todos os incidentes dos verdadeiros combates do dia anterior, conforme lhe contara o barão de Rospignac. Mas Francisco, pondo as cousas em seu verdadeiro pé, com respostas breves e frias, desconcertou-a, desejando que abandonasse o assunto. Mas, levada por sua tenacidade, Catarina de Médicis cometeu a falta de continuar a insistir demasiadamente, pelo que Francisco, dando demonstrações claras de estar aborrecido, levantou a cabeça e, olhando-a fixamente e de maneira muito significativa, disse-lhe, acentuando bem as palavras:

— Madame, nessa aventura fui eu quem correu o perigo de perder a vida e, portanto, a ninguém mais do que a mim próprio pode o caso interessar. Estou

firmente decidido a impedir que se repita, e, por conseguinte, peço-vos que limiteis a minha reserva. Será assim melhor para todos.

Era uma ameaça apenas velada, pelo que Catarina assim a compreendeu, julgando prudente, portanto, embainhar sua arma.

— De acôrdo, meu filho — disse —, mas é que és por demais bom. Mas a verdade é que, com razão ou sem ela, os parisienses gritam...

— Deixai-os gritar. Quando se cansarem, calar-se-ão.

Derrotada neste terreno, Catarina mudou de tática, e quis desquitar-se dessa situação á custa de sua nora.

— Minha filha — disse, voltando-se para Maria Stuart —, é assombroso que também tu tenhas tão pouca consciência de teus deveres de soberana.

— Por que me dizeis isso, — Madame? — perguntou a jovem esposa de Francisco II, surpreendida. — Em que faltai com os meus deveres? Eu vos agradecería muito que dissesseis.

— Como podes permitir que o rei se ocupe tão pouco dos negócios do Estado? Essa sua inibição favorece os teus parentes, que disse se aproveitam de tal maneira, que ao rei ficou apenas o nome. Mas tudo tem seus limites, minha filha. O rei passa a maior parte do dia fora de casa e, com sua tranquillidade extraordinária, demonstra uma confiança admirável. Mas deve pensar, contudo, que as más línguas poderiam substituir, pelo menos aparentemente com razão, a palavra *confiança* pela outra, más comoda, de *indiferença*. Não me interrompa, peço... — disse, vendo que Maria Stuart ia abrir a boca para responder. — Quando — e isso é rara casualidade — o rei se encontra no Louvre, minha filha, o tomas para tí, e se encerra com êle em seus aposentos. Não queres compreender, então, não pensaste ainda em que, se isto continua, a Côte e o Reino terminarão por esquecer completamente que têm um senhor, um senhor único e verdadeiro, um amo absoluto, e que esse amo não é o teu tio o duque de Guise?

Maria Stuart era em seu natural muito amável e boa, mas isso não implicava em deixar sem resposta completa as intrigantes acusações de sua sogra. E lá mesmo dar-lhe essa resposta, um tanto viva, por certo, quando Francisco II se antecipou. Com gesto afável, mas imperioso, impôs silêncio á sua esposa, certo de que a resposta dele seria por demais viva. E exclamou êle, por sua vez, com violência que não pôde dominar:

— Já que o desejas, Madame, vou demonstrar-vos que não há mais que um Rei em França!

Um imperceptível sorriso de satisfação passou pelos lábios e pelos olhos de Catarina de Médicis, esses lábios delgados e frios, e êsse olhos insondáveis que logo voltaram ao que sempre eram. Mas sua alegria foi muito curta, pois que Francisco acrescentou, logo em seguida:

— Mas acreditai, Madame, e disso vos advirto, que se me meteu na cabeça que, no dia em que eu proceder como rei, não vai isso agradar a todos, porque então exigirei que todos se submetam á minha real vontade! Todos, ouvistes, Madame? Todo mundo! Talvez que isso não venha a ser muito do vosso agrado, mas teréis que vos resignar e não podereis culpar senão a vós mesma, porque fostes vós que o quistes!

Estas palavras, e sobretudo o tom em que foram proferidas, fizeram aguçar os ouvidos de Catarina, que começou a sentir uma verdadeira inquietação. Mas tranquillizou-se de pronto, dizendo, de si para si, que se tratava de uma ameaça vã de Francisco, pois que seu filho não tinha e não teria energia suficiente para levá-la a cabo.

O REI!

FRANCISCO II aproximou-se da mesa, onde se achava um pequeno "gongo", fê-lo soar com uma batida nervosa e dando uma ordem em voz alta. Mas ao gentil-homem que viera á sua presença deu êle uma outra ordem, em voz baixa. Catarina, que tinha o ouvido muito fino e escutava com a maior atenção, nada pôde ouvir, pelo que novamente se sentiu dominada por uma grande e viva inquietação.

Em cumprimento á ordem dada em voz alta, abriram-se todas as portas, de par em par, e um official anunciou, em voz sonora, que o rei concedia audiência geral.

Era um verdadeiro acontecimento! O rei estava quasi sempre fora do Louvre, e, quando não saía do palácio, mantinha-se voluntariamente recolhido aos seus aposentos, recebendo apenas os seus íntimos. Não dava audiências, mesmo particulares, senão quando enim de todo indispensáveis.

Por seu lado, as Côrtes se reuniam muito poucas vezes. Por isso, a notícia se propagou como se corresse por um rastilho de pólvora, e dentro em muito pouco tempo a câmara real era invadida por uma verdadeira multidão de cortezãos, ávidos de render homenagens a Francisco II, bem como as duas rainhas.

Com os palacianos entrou também Beaurevers. Francisco II o viu assim que pôs os pés nos umbrais, porém nada disse nem fez gesto algum que desse a perceber qualquer coisa. Mas dirigiu-lhe um olhar significativo, que só êle percebeu, e o cavalheiro respondeu-lhe com outro que queria dizer:

— Fique tranqullo, que não sairei daqui.

Era desejo de Beaurevers conservar-se modestamente afastado, mas acontece que o olhar de água de Catarina o descobriu, que lhe enviou um sorriso amável, pelo que não lhe sobrou outro recurso senão deixar por momentos o lugar onde se achava, para ir inclinar-se ante ella.

E, ao mesmo tempo que lhe dizia estas palavras, estendia-lhe a mão. O cavalheiro inclinou-se com a graça altiva que lhe era peculiar, beijando a mão da jovem soberana.

Após tão distinto favor, Maria Stuart perguntou-lhe por seu pai, Nostradamus, a sua prometida, Florise de Roncherolles, tendo não só para êle, mas também para todos os seus, palavras muito amáveis. Não se referiu aos serviços prestados ao rei, nem remotamente sequer lhe fez qualquer allusão; porém nela tudo revelava o seu agradecimento ardente e infinito. Beaurevers simulou que não havia notado e, quando ia afastar-se da jovem rainha, mais uma vez esta lhe estendeu a mão a beijar.

Foi nesse momento que o duque de Guise e o Cardeal de Lorena fizeram sua entrada no salão; mas pisaram o chão da câmara real de modo que não poderiam mesmo passar despercebidos. Observando Maria Stuart que a chegada dos dois illustres personagens tirava de sobre ella a atenção de Catarina de Médicis, aproveitou-se do instante em que Beaurevers se inclinava, despedindo-se, para dizer-lhe muito depressa, designando com seu olhar o seu esposo, que estava a dois passos:

— Vele, cavalheiro, vele por êle!

Beaurevers respondeu com um expressivo movimento de cabeça, e, afastando-se, confundiu-se com a multidão de cortezãos, collocando-se, porém, em um local de onde poderia ver e ser visto pelo rei, pronto a tudo, a um primeiro sinal.

Ao mesmo tempo que os senhores de Guise, davam entrada no salão um individuo que absolutamente não attirou nenhum olhar em especial. Parecia muito inquieto, e procurava mesmo ocultar-se. Era o porteiro-mor do Louvre, o espião de Catarina.

Dissemos não ter attido nenhum olhar, mas não foi realmente assim: êle all comparecia a chamado

direto do rei, e este o procurava e o viu entrar no salão, a-pesar-de toda a precaução que tomara para não despertar a atenção, indo colocar-se atrás do Gran-Chanceler, Michel de l'Hopital, que seguia os Guise.

— Vinde aqui, senhor porteiro! — chamou o rei, com voz alta e ameaçadora.

Naquele tom adivinharam todos os circunstantes que ia ocorrer algo de muito grave, e logo um silêncio de morte pesou sobre a sala imensa, a vasta câmara régia completamente cheia no momento. E os que se encontravam próximo ao porteiro logo se apressaram em afastar-se dele, como se se tratasse de um demônio, ou de um pestoso. E todos se quedaram imóveis, inclusive os Guise, que apenas haviam adiantado quatro passos dentro do salão, prestanto a maior atenção.

Pálido como cera, e a fronte já coberta de repentinamente suor frio, o infeliz, que era objeto da atenção geral, atravessou o salão com passo incerto e inclinou-se ante o rei, que o olhava fixamente.

— Senhor — disse-lhe Francisco II, em tom decisivo. — Eu mesmo tive ocasião de chamar-vos para vos dizer que poderiam vir em procura do senhor Griffon, em nome de personagens que sabéis. Recomendei-vos, então, clara e terminantemente, que imediatamente prevenísseis o senhor Griffon, sem fazer esperar um segundo sequer o mensageiro, e sem fazer-lhe qualquer pergunta, fôsse qual fôsse. Ontem, como eu havia previsto, apresentou-se alguém em procura do Senhor Griffon, e desejo agora que me expliqueis qual a razão pela qual se levou meia hora em fazer aquilo que devia ter sido feito em menos de cinco minutos!

— Senhor — murmurou o desgraçado porteiro —, enviei sem perda de tempo um lacão a avisar o senhor Griffon, e não sei como explicar que...

— Então não tchals uma explicação para o caso dêsse atrazo? — interrompeu o rei, excitado. — E como se explica que, contrariando as minhas ordens, submetestes o mensageiro a um interrogatório que durou pelo menos um quarto de hora? Já não se trata da negligência de um miserável lacão. O culpado sois vós. Que resposta tendes? Então é assim que se respeita, dentro dêste palácio, as ordens que dou?

Estava realmente excitado. A ira, até então contida, estalou com toda a violência, achando aquela ocasião propícia. Era a primeira vez que a fúria do rei se manifestava em público, e pareceu tanto mais espantosa porquanto, nas poucas vezes em que o monarca se mostrava á sua côrte, sempre se apresentava amável, sereno, tímido e mesmo retraído. "vícios" seus que eram sempre criticados por sua mãe.

Mas bem depressa se dominou, continuando, em seguida, mais calmo, mais senhor de si próprio, mas tão frio e resolutivo, que inspirava assim mais medo do que quando estava enfurecido:

— Tenho de pôr fim a muitos abusos, e é necessário que se saiba que aqui não há outra vontade além da minha. Desejo mesmo aproveitar esta ocasião para que todos se dêem por advertidos.

Tal advertência, dirigida a todos os que o rodeavam, foi acompanhada de um olhar lançado em derredor, posando por alguns instantes nos senhores de Guise, primeiro, e depois na rainha Catarina.

— Quanto ao senhor — continuou dirigindo-se ao porteiro-mor, no mesmo tom glacial — como não desejo ver-me rodeado de servidores nos quais não possa ter a minha confiança, dou-vos quarenta horas de prazo para que renunciéis a vosso cargo.

O pobre homem olhou instintivamente para Catarina de Médicis, como que implorando a sua proteção. Mas a rainha-mãe, renegando interiormente as torpezas de seu cúmplice, voltou a cabeça para o outro

lado. Ao rei não passou despercebido aquele olhar de súplica, e continuou:

— E deveis então voltar imediatamente para as vossas terras. Digo mais... Se tendes apêgo á vida, fazeis de modo que não vos veja mais na Côrte, nem em Paris.

E, enquanto o porteiro-esplão se retirava, com passos vacilantes como se estivesse embriagado, um murmúrio de aprovação correu por todo o salão. O rei havia falado como amo, e naturalmente os cortezaes o reconheceram como tal e se submetiam a seu senhor.

OS GUISE

Quando Francisco de Guise e seu irmão o Cardeal de Lorena tiveram também que deter-se, até que finalizasse aquela cena por todos os motivos tão inesperados. Ambos estavam perturbados e cheios de inquietação e ansiedade, pois as palavras do rei significavam bem claramente que estava Sua Majestade disposto a governar-se por si mesmo. Isto equivalia a despojá-los do poder e do reino, pois na realidade poderia dizer-se que eram eles que, até então, haviam reinado. Seria não apenas a terminação do seu poder limitado, mas também, e isto lhes era ainda mais penoso, o fracasso de todos os seus planos ambiciosos, e convém sempre frisar que a ambição dos Guise era ilimitada.

Trocaram em voz baixa rápidas palavras para pôr-se de acôrdo, adiantando-se depois até ante o rei. Suas inquietações manifestaram-se de maneiras bem distintas e diferentes, mostrando claramente a diferença de caráter que havia entre os dois irmãos.

O duque, em plena idade viril, pois contava apenas quarenta e um anos, de porte eminente, ombros largos, rubicundo, sulcada a testa por uma cicatriz arroxeada, ao que devia o seu cognome de "Balafre" (acutilhado) e que lhe tornava mais pronunciada a rudeza da fisionomia, de olhar duro e sobranceiro, com modos altivos, sério, avançou em direção ao rei, sem volver a cabeça para os lados, com o olhar fixo no soberano. Era o cavalheiro altaneiro e poderoso que desafiava a tempestade.

O Cardeal, de estatura mais baixa, mais esbelto e elegante, de olhar doce, tez pálida, modos desenvolvidos e distintos e passo ligeiro e suave, como que desliza por sobre os tapetes felpudos e grossos, fazendo reverências e distribuindo cumprimentos e saudações, com sorrisos para a direita e para a esquerda, acabando por interrogar ansiosamente, com seu olhar, a sua sobrinha, Maria Stuart. Ao contrário do irmão, era como junco flexível que se inclinava ao passar dos ventos e do temporal, balançando-se, mas não tombando, para voltar depois á sua antiga posição.

Fizeram ambos, ante o rei, a cortesia de rigor, cabendo ao duque, como mais velho, a felicitação a Sua Majestade. Entretanto, chegava ao paroxismo a curiosidade de quantos os rodeavam naquele salão repleto. Uns, seus adversários, esperavam a decisão do rei, fazendo ardentes votos pela desgraça dos favoritos; outros, seus partidários, pediam a Deus e a todos os santos da côrte celestial que afastassem de de sobre as cabeças de seus chefes, os Guise, a temida catástrofe.

Por detrás deles levantava sua cabeça, venerável e digna, imponente e soberanamente serena, o chanceler Michel de l'Hopital, de figura amável, formosa e nobre.

Enquanto os Guise avançavam até junto ao trono, o cavalheiro de Beurevers ia de grupo em grupo. O rei, que não o perdia de vista, adivinhou sua manobra, e mesmo sem ver compreendeu desde logo que elle se colocara por detrás do trono. Mas não voltou-se para certificar-se e ninguém mesmo poderia suspeitar sequer que elle o havia notado.

Diante dos Guise, brilharam os olhos serenos do rei, mas foi tão rápido o fulgor, que não foi percebido nem mesmo por Catarina de Médicis, que o olhava com grande atenção.

No mesmo instante a curiosidade geral sentiu-se fraudada, pois que Sua Majestade, sem deixar transparecer suas intenções, respondeu imediatamente à saudação do duque chamando-o de "querido tio", como de costume. Com isso acreditaram todos que o favor dos Guise não havia diminuído. Vamos dizer que eles próprios se equivocaram.

Daí a esta situação, mais uma vez ressaltou a diferença de caráter de ambos. O duque modificou sua atitude e ele, que havia cruzado o salão com ar insolente, pode-se dizer, sem dignar-se olhar para quem quer que fosse, inclinou-se profundamente, e prodigalizou saudações e sorrisos à direita e à esquerda. Quanto ao cardeal, que até então havia sido todo sorriso, e era mesmo a reverência personificada, adquiriu a insolência que havia perdido seu irmão; o sorriso desapareceu de seus lábios, e ele passou a não ver mais nenhum dos que o cercavam.

Acreditando-se seguro no poder, o duque pediu ao rei uma audiência particular, porque, segundo disse, se havia feito acompanhar do Cardeal e do Chancelier para falar com Sua Majestade a respeito de assuntos importantes e urgentes.

Fazendo aquela consulta ao jovem monarca, dava-lhe apenas uma satisfação plácida, pois que, em geral, o rei não punha nenhuma dificuldade em conceder-lhe as audiências que lhe pedia, e aprovava sem discutir todas as resoluções que seus tios submetiam à sua sanção. O duque estava perfeitamente convencido de que as cousas não haviam mudado. Imagine-se, pois, qual não foi o seu assombro, quando o rei lhe disse, em tom muito sério:

— Podeis falar, senhor duque, que vos escuto.

— Mas como?! — perguntou o duque de Guise, surpreendido. — Então Vossa Majestade quer que eu fale aqui, na presença de toda a Corte, sobre assuntos que somente podem ser tratados secretamente em Conselho?

— Perdoai-me, senhor duque! — respondeu o rei, com ingenuidade perfeitamente fingida. — Não dissesdes que queríeis falar-me dos manejos dos senhores reformistas e de certos sucessos ocorridos ontem no Prêdo da Cúria e, em suma, da pequena agitação que se observa hoje nas ruas de Paris?

— Com efeito, Senhor, trata-se disso, mas não me recorde de ter falado a respeito com Vossa Majestade...

— Será possível, Duque?... Pois eu juraria que vos tinha ouvido... Mas não importa. De maneira que é mesmo disso que queríeis falar-me, não é assim? Pois bem; falai sem temor, pois se trata de assunto tão insignificante que se pode mesmo falar a esse respeito na presença de todo mundo.

Todos notaram o gesto de indiferença com que Francisco II acompanhou estas palavras.

A-pesar-dos sinais significativos que lhe fazia o irmão, não quis o duque conformar-se sem fazer outra tentativa suprema.

— Senhor — disse, baixando a voz — é impossível tratar em público de cousas tão graves e reservadas.

— E' provável que seja essa a vossa opinião, senhor duque, mas não é a minha — continuou o rei, friamente. — Falai, e falai em voz bem clara e alto. Eu vos ordeno.

Sua Majestade "ordenava", e, portanto, não restava mais nada ao duque senão baixar a cabeça. E realmente foi isto que fez Sua Alteza, ardo em surda cólera. No momento, porém, em que ia tomar a palavra, o cardeal lhe cerrou os lábios com um olhar de irresistível eloquência, e se lhe adiantou, dizendo:

— Já que havemos de fazer um discurso, comecemos as minhas atribuições, pois que, antes de mais nada, meu irmão é essencialmente um soldado. Permite Vossa Majestade que eu tome a palavra?

— Pouco importa que sejais vós ou o duque quem fale. Escuto-vos, Cardeal, mas peço-vos que sejas breve.

O duque mordeu os lábios, que sangraram; mas, com um outro olhar, seu irmão lhe recomendou prudência e moderação. Como sabíamos, tinha Francisco de Guise uma ilimitada confiança no talento e na sagacidade de seu irmão cardeal, pelo que se conteve e deixou-o falar.

O Senhor de Lorena inclinou-se, como se tivesse ouvido um cumprimento adulator, mas seu despeito era evidente e violento, achando-se em uma situação delicada. E' fácil a explicação. Como contavam com a absoluta confiança do rei, os Guise não haviam esperado essa audiência para tomar as medidas que bem quisessem e que supunham que poderiam provocar a guerra civil em todo o reino, o que fazia parte de seu plano. Eles o sabiam, e, dizemos melhor, desejavam que isso acontecesse, pelo que, para salvar suas responsabilidades, queriam a aprovação do rei. Mas tomariam as providências precisas quando já a revolta tivesse estalado, ou pelo menos quando já fosse demasiadamente tarde para revogá-las.

Mas acontecia que, subitamente, o rei se virava contra eles, e isto mudava totalmente a face das cousas. Dado o estado de animo em que viam o rei, seria sumamente perigoso revelar naquela ocasião que haviam dado ordens antes de ter a sua aprovação, e foi mesmo para ocultar isso que o cardeal de Lorena pediu a palavra. Mas foi por isso, também, que o cardeal se achava em apuros, tomando tempo para refletir naquilo que iria dizer.

Por fim, começou o seu discurso, allás uma repetição ampliada das acusações que, momentos antes, ao rei havia dirigido Catarina de Médicis contra os partidários da Reforma.

— Bastar, senhor Cardeal! — interrompeu, secamente, o rei, quando o prelado ia em meio das suas acusações. — E' inútil que continueis com esse tema. Surpreende-me que um homem de inteligência tão esclarecida, um sábio como sois vós, se faça eco de acusações tão ridículas. Sim, ridículas, Senhor Cardeal. Estou informado sobre esse assunto muito melhor do que podeis mesmo imaginar, e por isso me permito dizer que estais em erro, e quero acrescentar que os protestantes não desejam a minha morte, nem conspiram contra a segurança do Estado. Isto virão a fazer, talvez se fizerem com que percam a calma e o juízo, com repressões sangrentas e injustificadas. Mas, como começo a ver, talvez seja mesmo isso que querem alguns... Com certeza, vindes propor-me medidas violentas contra eles. Se assim é, não vos deis ao trabalho de formulá-las, porque absolutamente não somente não as aprovo, mas também não as consinto. A violência é o maior desacerto a que se vê levado um governante, e fatalmente conduz à guerra civil, que, a meu juízo, é, também, o que desejam os promotores de desordens, os quais, para ver satisfeitas suas ambições, não vacilariam em inundar o reino de sangue. Mas eu não me deixarei enganar, e vos dou a minha palavra real de que os abomináveis projetos dessa gente não se realizarão! E' preciso que haja um amplo espírito de tolerância. Cumpre aplacar os ânimos, em vez de excitá-los. Devemos fomentar o amor e a concórdia, e não o ódio e a discórdia. E' preciso compreender, em suma, que os súditos de um reino tão grande e formoso, como é o nosso, são membros de uma mesma família, que devem ajudar-se como irmãos, e não devorar-se mutuamente como lobos esfaimados ou cães raivosos. Esta é a minha política.

(Continua no próximo número)

INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina.
Do Laboratório Bacteriológico da Saúde
Pública. Catedrático da Escola de
Medicina e Cirurgia. Docente da
Faculdade Nacional de Medicina.

SECÇÃO DE ANÁLISES CLÍNICAS:

EXAMES DE SANGUE, PÓS, ETC.

CONFEÇÃO DE VACINAS

AUTOGENAS, ETC.

RUA RODRIGO SILVA, 30

(1.º andar)

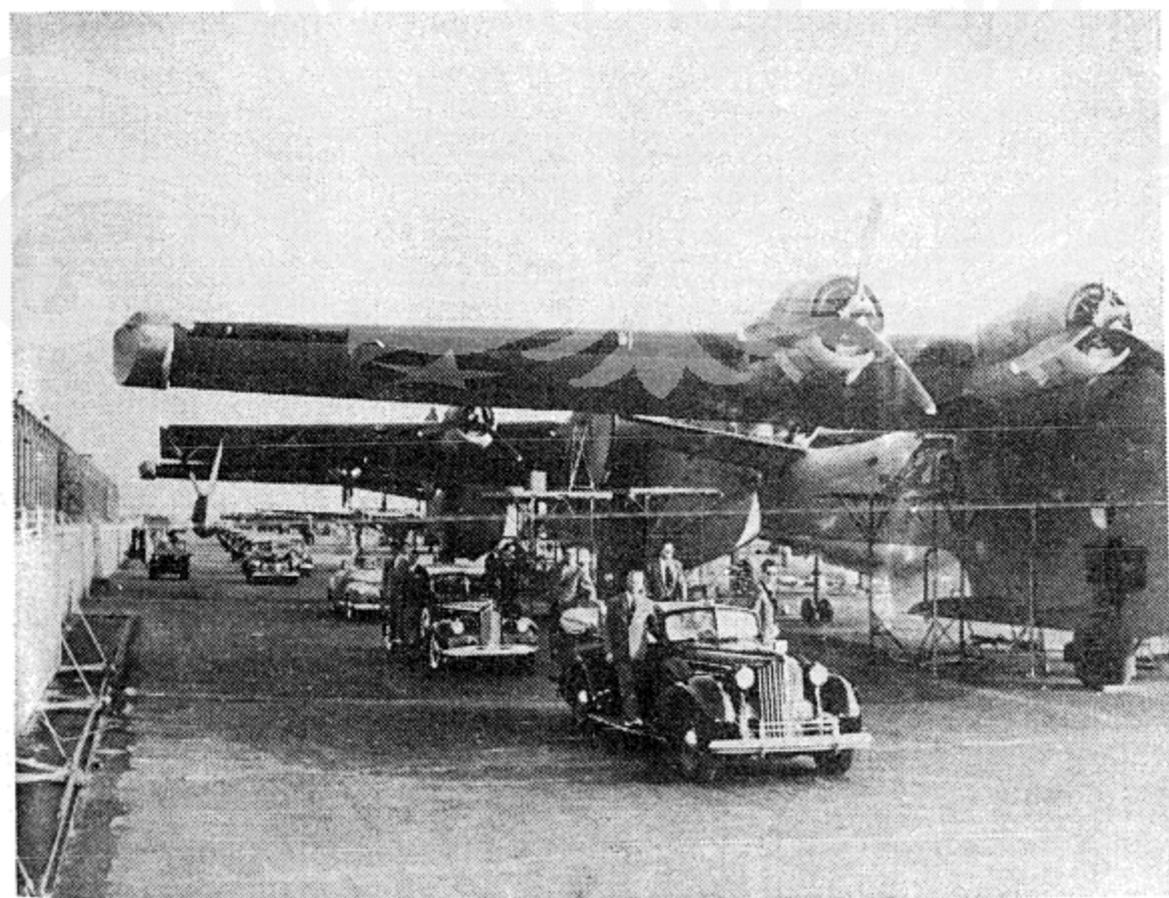
Telefone : 22 - 1385

GYSA

E' PROVIDENCIAL!

Senhoras
A vossa Saúde e Ju-
ventude estão se-
mpre assegurada com
o uso de um excelen-
te medicamento.
GYSA,
vós salvaguardar-
des sempre.
GYSA
é providencial.

INSPEÇÃO DAS ARMAS DA VITORIA



O presidente Roosevelt e membros da sua Comitiva visitaram uma gigantesca fábrica de aviões, onde poderosíssimos aparelhos de bombardeio e de patrulha da Marinha dos Estados Unidos são fabricados em série, durante sua recente inspeção às fábricas do «Arsenal das Democracias». (Cliché da Inter-Americana).

*"É bom para
você, também!"*



**NUNCA É CEDO . . . NEM TARDE DEMAIS
PARA COMEÇAR A ESCOVAR SEUS DENTES**

com

KOLYNOS